

*Coletâneas
Solano Trindade*

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

VOLUME 6

ALERTA:

ESTADO DE PIXAÇÃO

CLARISSA ROBERTA

DEPOIS DO HOMEM

BLENDON CASSIO

ÍNTERIM: OU COMO

DESPERTAM OS GRIÔS

RAY ARIANA

Luciás



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS**

Governador
Tarcísio de Freitas

Vice-Governador
Felício Ramuth

**Secr. de Estado da Cultura,
Economia e Indústria Criativas**
Marilia Marton

Secretário Executivo
Marcelo Assis

Subsecretário
Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete
Vicenzo Carone

**Chefe da Assessoria de Monitoramento e
Governança de Dados Culturais**
Marina Sequotto Pereira

Diretora de Difusão, Formação e Leitura
Jenipher Queiroz de Souza

**Diretora de Fomento à Cultura,
Economia e Indústrias Criativas**
Liana Crocco

**Diretora de Preservação
do Patrimônio Cultural**
Mariana de Souza Rolim

**ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS DA PRAÇA
(ADAA)**

Conselho administrativo
Isildinha Baptista Nogueira (Presidente)
Hubert Alquêres (Vice-Presidente)
Elen Londero
Eunice Prudente
Fábio Souza Santos
Helena Ignez
Luiz Galina
Maria Bonomi
Patricia Pillar

Conselho fiscal
Wagner Brunini (Presidente)
Mauricio Ribeiro Lopes
Rachel Rocha

Conselheiro benemérito
Lauro César Muniz

**SP ESCOLA DE TEATRO – CENTRO DE
FORMAÇÃO DAS ARTES DO PALCO**

Diretor-executivo
Ivam Cabral

Assessor
Tato Consorti

Desenvolvimento institucional
Elen Londero

Relações internacionais e parcerias
Marcio Aquiles

Coordenação pedagógica (interina)
Ivam Cabral

Coordenação de áreas
Guilherme Bonfanti (**Illuminação**)
Hugo Possolo (**Atuação**)
J.C. Serroni (**Cenografia e Figurino I Técnicas de palco**)
Marici Salomão (**Dramaturgia**)
Raul Barreto (**Humor**)
Rodolfo García Vázquez (**Direção**)
Tâmara David (**Sonorização**)

Coordenação I Extensão Cultural
Gustavo Ferreira

Coordenação I Administrativo-financeiro
Leila Lopes

Coordenação I Produção
Maíra Cíciut

Biblioteca e gestão arquivística
Mauricio Paroni

Programa Oportunidades
João Martins
Ana Clara Mascarenhas

Comunicação
Guilherme Dearo

SELO LUCIAS

Coordenação editorial
Elen Londero
Ivam Cabral
Marcio Aquiles

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA - VOLUME 6

Edição
Marcio Aquiles

Ilustração Capa
Cris Oliveira

Diagramação
Henrique Mello

Preparação de texto
Débora Moyses

Revisão
Guilherme Dearo
Rodrigo Barros

Jurados do Prêmio Solano Trindade 2025

Lucas Moura
Luz Ribeiro
Bianca Melo

Fotos dos autores
Divulgação

Fotos
KAMZY NUEL, Mukhtar Shuaib Mukhtar, Safari Consoler, Teddy tavan, Ahmad Sulaiman e Blessing Niniola em: www.pexels.com. | Shaquiel McKenzie, Melvin Ankrah e Bill Hamway em: www.unsplash.com.

Este livro foi elaborado a partir do concurso cultural “Prêmio Solano Trindade 2025”, realizado pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (ADAAP), gestora do projeto cultural SP Escola de Teatro, junto à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. O prêmio foi instituído em atendimento do Decreto nº 48.328./2003, com o objetivo de fomentar a produção de novas iniciativas de projetos de pesquisas com a temática ou produção de artistas afrodescendentes.

Direitos reservados à ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça | Selo Lucias

Av. Rangel Pestana, 2.401 – Brás, 03001-000 – São Paulo/SP

55 11 3775-8600

info@spescoladeteatro.org.br

www.adAAP.org.br

www.spescoladeteatro.org.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Eternizar em escrita preta / Blendon Cassio do Santos...[et al.] ;
organização Elen Londero, Ivam Cabral. -- São Paulo : Lucias, 2025.
-- (Prêmio Solano Trindade ; 6)

Outros autores: Clarissa Roberta Alves dos Santos, Rayrlaine Ariana
Geraldo da Silva, Marcio Aquiles.

ISBN 978-65-993326-4-7

1. Artes cênicas 2. Dramaturgia 3. Peças de teatro I. Santos, Blendon
Cassio do. II. Santos, Clarissa Roberta Alves dos. III. Silva, Rayrlaine Ariana
Geraldo da. IV. Aquiles, Marcio. V. Londero, Elen. VI. Cabral, Ivam. VII. Série.

25-317233.0

CDU: 792

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Eiane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415





*Coletâneas
Solano Trindade*

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

VOLUME 6

ALERTA: ESTADO DE PIXAÇÃO

CLARISSA ROBERTA

DEPOIS DO HOMEM

BLENDON CASSIO

ÍTERIM: OU COMO DESPERTAM OS GRIÓS

RAY ARIANA

LUCIAS



**CULT
SP**

**SÃO
PAULO**

**GOVERNO
DO ESTADO**

SÃO PAULO SÃO TODOS
**Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas**

APRESENTAÇÃO

13. por **MARILIA MARTON**

SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA
CRIATIVAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PREFÁCIO

17. OS AFLUENTES DE SOLANO TRINDADE

por **IVAM CABRAL**

21. ANCESTRALIDADES E FUTUROS

por **MARCIO AQUILES**

TEXTOS

27. ALERTA: ESTADO DE PIXAÇÃO

CLARISSA ROBERTA

55. DEPOIS DO HOMEM

BLENDON CASSIO

91. ÍTERIM:OU COMO DESPERTAM OS GRIÓS

RAY ARIANA





APRESENTAÇÃO



por

MARILIA MARTON

SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que celebramos os vencedores do Prêmio Solano Trindade 2025. Em sua sexta edição, a honraria criada pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo tem como objetivo valorizar o trabalho de realizadores negros nas artes cênicas, com a publicação de três peças inéditas.

A honraria reconhece novos talentos da dramaturgia negra, em consonância com o trabalho da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco em fortalecer e qualificar a mão de obra da indústria criativa de São Paulo, fomentando a formação de novos talentos, com cursos gratuitos e de notório reconhecimento.

Por meio do Prêmio Solano Trindade, fortalecemos a cultura negra e incentivamos o trabalho de novos realizadores, contribuindo para uma sociedade plural e mais igualitária. Deejamais que os textos premiados aqui, reconhecidos por suas qualidades técnicas e artísticas, encontrem em cada um dos leitores um espaço de reflexão, de entretenimento e de pensamento crítico, a partir das novas histórias contadas por cada um desses premiados realizadores.

O Prêmio Solano Trindade reforça o compromisso do Governo de São Paulo e da SP Escola de Teatro com o fortalecimento da indústria criativa paulista, incentivando a pluralidade, o debate, a profissionalização e a formação qualificada.



OS AFLUENTES DE SOLANO TRINDADE



por

IVAM CABRAL

DIRETOR-EXECUTIVO
DA SP ESCOLA DE TEATRO

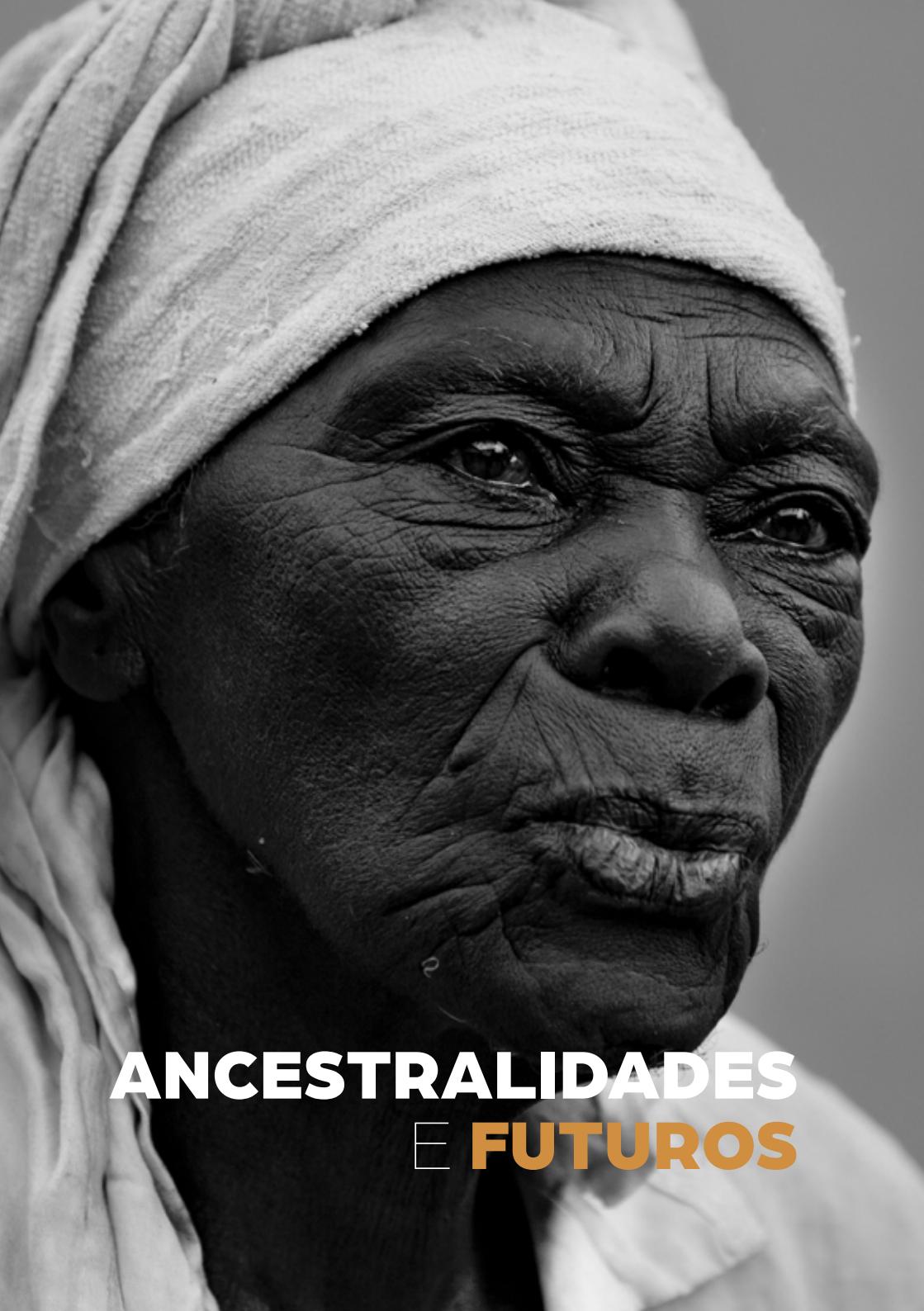
OS AFLUENTES DE SOLANO TRINDADE

Solano Trindade ocupa um lugar fundamental na história do teatro brasileiro, tanto pela atuação artística única quanto pela militância voltada à valorização da identidade afro-brasileira. Poeta, ator, diretor e agitador cultural, deixou marcas indeléveis nos planos estético (com obras que fundiam teatro, música e dança, valorizando o corpo negro como meio expressivo e portador de memórias singulares), político (com criações que denunciavam a desigualdade racial e social) e comunitário (valorização do aterramento histórico como via para a mobilização coletiva e consciência crítica).

A influência de sua obra é decisiva para o trabalho de diversos coletivos teatrais contemporâneos, tais como Capulanás Cia. de Arte Negra, Cia. Os Crespos, Coleti-

vo Negro, Invasores Cia. Experimental de Teatro Negro, Cia. do Sal e Carcaça de Poéticas Negras, entre outros. E, como não poderia deixar de ser, de modo direto ou indireto, essas reverberações também aparecem nas três peças selecionadas para o Prêmio Solano Trindade 2025, publicadas neste volume: *Depois do Homem*, de Blendon Cassio; *Alerta: Estado de pixAção*, de Clarissa Roberta; e *Ínterim: ou como despertam os griôs*, de Ray Ariana. À sua maneira, cada uma dessas dramaturgias atualiza o legado de Solano Trindade ao conjugar arte e ativismo, ancestralidade e experimentação, oralidade e corporeidade, afirmação identitária e invenção poética.

A SP Escola de Teatro, por meio de procedimentos pedagógicos que colocam em debate o racismo estrutural ainda presente em nossa sociedade, de programação teatral variada que contempla – nos espetáculos teatrais que ocupam a unidade Roosevelt por intermédio de residências artísticas – a imensa representatividade étnica do teatro brasileiro, de políticas afirmativas em seus modelos de contratação, entre outras ações, é aliada na luta por uma sociedade mais democrática e próspera.



ANCESTRALIDADES E FUTUROS



por
MARCIO AQUILES
COORD. EDITORIAL
SELO LUCIAS

ANCESTRALIDADES E FUTUROS

Com este volume, chegamos à sexta edição da série *Eternizar em Escrita Preta*. Os três textos foram selecionados por meio do Prêmio Solano Trindade 2025, que teve Luz Ribeiro, Lucas Moura e Bianca Melo como integrantes da comissão de seleção.

A primeira peça, *Alerta: Estado de pixAção*, aciona expedientes da literatura de cordel, tais como rimas divertidas, sarcasmo e denúncia social. A dramaturgia de Clarissa Roberta conjuga os temas da poluição de um rio e dos rabiscos de tinta que invadem as paredes do município de São Leônicio. Escatologia e artivismo permeiam a investigação que definirá os rumos de seus cidadãos.

Depois do Homem, de Blendon Cassio, incorpora procedimentos que a colocam, à primeira vista, dentro de uma tipologia muito próxima à da tragédia ática: em cena, um homem e um coro; o desconhecimento sobre a própria identidade; a figura narrativa de um pai ausente; reviravoltas e reconhecimentos; um contexto que vibra entre a realidade e o mito. Aos poucos, contudo, esse modelo vai sendo desconstruído, na forte tensão entre lirismo e paródia, carne e metáfora, festa e extermínio.

Ínterim: ou como despertam os griôs, por sua vez, brinca com a transcendência do tempo ao tratar de genealogias que misturam os relatos da trineta (A que virá), da trisavó (A que antecedeu), da vó Lúcia e da mãe em discursos elaborados para se espargirem no ambiente cênico, uma vez que a autora, Ray Ariana, expõe em suas rubricas que se trata de uma “peça a ser encenada por uma atuante”. Assim, tais ancestralidades são exploradas por intermédio do som do berimbau, do aroma do café e do lançar dos búzios sob a imponênciâa do embondeiro.

São três peças vibrantes, com todas as qualidades para serem lidas com prazer e encenadas com vigor.



ALERTA: ESTADO DE PIXAÇÃO

por Clarissa Roberta



ALERTA: ESTADO DE PIXAÇÃO

por Clarissa
Roberta

SINOPSE:

“Quem ousaria escrever ABAIXO A PREFEITA EULÁLIA e PREFEITA DA ÁGUA SUJA nas limpas e cinzas paredes da prefeitura de São Leônco?” é a pergunta que se repete na boca da prefeita Eulália Queiroz, de João Dory e dos mais nobres cidadãos da cidade.

De um dia pro outro, justamente na data do importante discurso de inauguração do Parque Municipal Histórico Especial de São Leônco, a cidade amanhece pixada. Para alguns é devastador, para outros é o esperado início da queda da prefeita. Buscando defender a ordem geral e um grande segredo – capaz de cassar seu mandato –, a prefeita Eulália Queiroz lidera um esquadrão antipixô para pôr fim às pixações. A cidade fica em estado de alerta.

PERSONAGENS: 6

PREFEITA EULÁLIA QUEIROZ - Eleita com 97,98% dos votos, dado que sempre faz questão de repetir, Eulália Queiroz é conhecida por seu amor à ordem e ao progresso de São Leônco. Ex-bicampeã de jokenpô. Esconde um segredo que pode pôr fim ao seu mandato.

JOÃO DORY - Zelador da prefeitura. Estuda para um cargo público. É extremamente fofoqueiro. Traço de peculiaridade: coleciona fios de cabelo alheios.

JACINTO RODRIGUES - Jornalista. Ex-cantor de forró, Jacinto cobre as principais notícias da cidade. É místico.

LOURDES FONSECA - Assistente social que atua em uma das salas da prefeitura, é alguém que demonstra apatia ao mundo, favorecendo as burocracias na maior parte do tempo. Tem forte senso de justiça social. Gosta de cantar, embora não saiba.

QUITÉRIA CECÍLIA - Poeta marginal que fala por meio de rimas. Artivista.

JORGIANA TELLES - Dona do mercado. Costuma lamentar sobre sua vida com todo mundo. Está à procura de um par romântico. É filha de uma professora de artes do ensino fundamental.

PRÓLOGO: O EPISÓDIO DE VIROSE DA POPULAÇÃO

A população de São Leônco está tomada por um estado de contaminação. Enquanto alguns demonstram sintomas de virose – caganeira, náuseas e febre –, outros estão enfrentando infecções de pele por conta da água contaminada. Há algo de errado com a água que circula pela cidade. Jorgiana está vendendo muitos produtos para a prefeitura. A prefeita Eulália Queiroz está distribuindo kits com itens inusitados para combater as doenças. No entanto, há uma comoção devido ao mal-estar, e as pessoas querem saber por que algo assim aconteceu na cidade. Para acalmar seus queridos cidadãos, Eulália faz um discurso explicando a situação. João Dory a acompanha, embora ele também esteja passando mal.

PREFEITA: Amados cidadãos leoninos, não é fácil estar aqui hoje. Esse episódio de contaminação da água de São Leônico pode parecer grave, mas, na verdade, está tudo sob controle. Eu, Eulália Queiroz, prefeita eleita com 97,98% dos votos, já estou tomando as devidas providências para cuidar dessa situação...

JACINTO: (*interrompendo*) Mas e a Laurinda? Ela foi pro hospital e ainda não voltou. Já faz uma semana!

JOÃO DORY: Ah, a Laurinda, nossa querida Laurinda, está num lugar melhor. (*há uma comoção geral*)

PREFEITA: (*para Dory, disfarçadamente*) Cala a boca, João Dory! (*tentando desfazer a confusão*) Não, não nesse lugar. Laurinda está sendo tratada num hospital especializado fora da cidade. Eu cuido dos meus cidadãos.

A população fica aliviada.

LOURDES: E como uma situação dessas aconteceu aqui na cidade?

PREFEITA: Amados cidadãos, eu investiguei muito e, depois de alguns dias de merda, finalmente descobri que essa onda de caganeira e infecções foi causada... por um cano de esgoto de uma cidade rival, que contaminou os mananciais que fornecem água para São Leônico. (*os cidadãos reagem dizendo “Como assim?”, “Que horrível” e “Que cidade fa-*

ria isso?") É realmente lastimável. Mas farei de tudo para que os culpados sejam punidos, sem chamar atenção... Não se preocupem. Nossa água pura, limpa e cristalina nunca representou riscos à saúde. Tudo ficará bem. Em seis meses, as obras do Parque Municipal de São Leônico serão finalizadas, e os episódios como esses ficarão para trás, literalmente.

(São Leônico em flashes): seis meses depois

Seis meses depois, a cidade de São Leônico vive um dia comum. Os cidadãos da cidade são revelados em flashes.

Flash 1

Em sua casa, Jacinto faz seu ritual matinal para atrair boas vibrações. Canta um mantra em ritmo de forró.

Eu Jacinto o amor,
Eu Jacinto a paz,
Eu Jacinto a consciência se expandir.

Flash 2

PREFEITA: João Dory!

Flash 3

Na frente do mercado, Quitéria e Jorgiana conversam enquanto João Dory as observa.

QUITÉRIA: Opa, Jojô, satisfação total, posso vender umas

poesias aqui no mercado, na moral?

JORGIANA: Mal tô conseguindo vender meus produtos, vou abrir espaço pra você vender poesia?

Flash 4

PREFEITA: João Dory!

Flash 5

QUITÉRIA: Lê primeiro, reclama depois. Dá uma lida aqui na poesia número 2.

JORGIANA: (*lendo*) “Afeto quero, safadeza desejo. Primeiro um poema, depois um beijo.” Quanto tá?

QUITÉRIA: Pra você que é uma graça, eu faço até de graça.

Flash 6

No CRAS da cidade, que fica em uma das salas da prefeitura, a assistente social Lourdes vive um dia comum. Ela rabisca sua mesa. João Dory a observa.

LOURDES: (*no telefone*) Alô, Lourdes do Centro de Referência de Assistência Social, com quem eu falo? A senhora ligou só para perguntar isso? Não, o macarrão que vai na cesta básica não é parafuso. Sim. É dever da cidade assegurar o acesso aos direitos básicos. Certo. Entre no site, preencha o formulário 3, assine na página 4 e agende uma consulta. Para ser atendida, é necessário agendamento. É o protocolo.

Flash 7

JACINTO: (*desesperado*) Meus deuses, Mercúrio retrógrado está chegando em São Leônio!

Flash 8

No gabinete da prefeitura, a prefeita ensaia um discurso acompanhada de João Dory.

PREFEITA: Amados cidadãos leoninos, como prefeita eleita com 97,98% dos votos, eu, Eulália Queiroz, tenho o prazer de inaugurar hoje o Parque Municipal Histórico Especial de São Leônio, que conta com a mais nova e mais fantástica atração da cidade, o Museu Internacional da História do Jokenpô! O que você acha desse início?

JOÃO DORY: Está ótimo! Que orgulho ver a senhora, prefeita excelentíssima magnânima, finalmente colocar em exercício a Lei Municipal nº 127.669, de janeiro de 2015, criando este parque tão acessível, com ingresso de apenas 80 reais a meia.

PREFEITA: Amanhã vai ser meu grande dia!

Flash 9

João Dory dorme. Alguém pixa no muro da prefeitura a frase “ABAIXO A PREFEITA EULÁLIA”

PRIMEIRO ATO: A rua é uma galeria a céu aberto

Cena: Pixo: o que isso quer dizer?

Multidão em frente à prefeitura.

JACINTO: Namastê, que a transcendência esteja com você! Bom dia! Jacinto Rodrigues trazendo notícias para vocês. Hoje a cidade de São Leônco está em estado de agitação. As paredes da prefeitura amanheceram pixadas com a frase “ABAIXO A PREFEITA EULÁLIA”. Até o momento, não sabemos quem foi o autor desse ato de vandalismo que mexeu com o astral da cidade, alterando o feng shui e os chakras da população, gerando em alguns o estado de terceiro olho. Vamos falar aqui com essa cidadã chamada Quitéria Cecília. Conta pra gente o que você achou desse ato de rebeldia energético.

QUITÉRIA: Batatinha quando nasce esparrama pelo chão, o pixo na parede é a voz do cidadão, que está insatisfeito com algo na cidade, que busca respeito e fim da desigualdade. O pixo é a arte que chega e contagia, transformando a rua numa grande galeria...

JORGIANA: (*interrompendo*) Arte? Artista mesmo é Monet, Da Vinci, Michelangelo. Nossa, eu amo a Mona Lisa da grande Tarsila do Amaral. Minha mãe era professora de artes, sei reconhecer uma obra quando vejo uma.

JACINTO: (*tomando a fala*) Ser de luz, amado instrumento da minha evolução, quando for sua vez de falar, eu vou passar o microfone para você. Estamos ao vivo.

JOÃO DORY: (*pega o microfone da mão de Jacinto*) Isso é coisa de gente desocupada e analfabeta! E olha só: aqui nessa cidade, o que não falta é gente que passa o dia coçando. Gente que infringe a Lei nº 9.605/98.

JACINTO: O que diz a lei?

JOÃO DORY: Pixar é crime. Pensa no trabalhão que vai dar ficar limpando essas paredes. Sou zelador de cidade pequena. Eu limpo, conserto, supervisiono, atendo o público, dou conselhos pra prefeita... No fim do dia, eu sou o pau e a obra. E ainda tô estudando pra prestar concurso público.

QUITÉRIA: Que isso, brô, que fala sem noção. Se você é zelador, essa é sua obrigação.

JOÃO DORY: (*para o jornalista*) Olha aí! Quitéria Cecília se diz poeta marginal. Vai ver ela e Jorgiana estão envolvidas com esse pixo, já que, desde ontem, as duas estão trocando poesia, se é que o senhor me entende.

JACINTO: Dá pra ver que as energias estão divididas por aqui. (*para Jorgiana*) Como você responde às acusações do João Dory?

JORGIANA: (*para o público*) Aproveitem as promoções do mercadinho. Hoje caiu o preço do caqui. (*para Jacinto*) Desculpa, as vendas no mercado não estão indo bem, o preço do café aumentou. Isso me fez tirar o café de cortesia que eu oferecia pros clientes. E agora como eu fico? Ninguém quer cortesia de chá-mate!

JACINTO: (*retomando o assunto*) E o pixo? João Dory disse que você e Quitéria...

JORGIANA: Eu jamais faria algo assim. Minha mãe sempre disse: “Pixo, se fosse arte, seria a arte da pobreza”; “Quem quer fazer arte usa pincel”. Olha, só digo uma coisa: que não venham pixar no mercado porque não terei dinheiro para pintar.

JACINTO: (*para Lourdes*) Você concorda com o que tá escrito na parede?

LOURDES: Eu não tenho nada a declarar. Se o senhor quiser fazer algum tipo de reclamação sobre o CRAS, é só ligar no número 1380, discar o ramal 11 e falar com a Ouvidoria de São Leôncio. Há também a opção de acessar o nosso site: [www.prefeituradesaoleoncio.gov.br/assistenciasocial/ouvidoria/reclamacões](http://www.prefeituradesaoleoncio.gov.br/assistenciasocial/ouvidoria/reclamacoes) e agendar um horário.

A prefeita chega exalando carisma. Segura um cartaz que fala sobre a inauguração do Parque Municipal de São Leôncio.

PREFEITA: (*para o público*) Venham na nossa inauguração! Tragam a família. O parque é para vocês, nossos amados turistas, e para a população de São Leôncio também, é claro, nós que somos amantes da natureza... (*vê o pixo e fica chocada*).

JACINTO: Prefeita, prefeita Eulália, ui, que energia densa! Diz pra gente o que a senhora pensa desse pixo que foi feito nas paredes da Prefeitura de São Leôncio.

PREFEITA: Sacanagem, safadeza e sem-vergonhice!!! Justamente hoje, num dia tão importante da inauguração do nosso Parque Municipal...

JOÃO DORY: (*interrompendo*) Meu Deus!

PREFEITA: O que foi, João Dory, não tá vendo que a gente tá ao vivo?

JORGIANA: Que mau gosto!

É revelada no topo da prefeitura a frase “PREFEITA DA ÁGUA SUJA”.

JACINTO: (*lendo*) Prefeita da água suja (*para o público*), ao que parece, não é apenas um, mas dois pixos.

LOURDES: Prefeita da água suja?

JORGIANA: O que isso significa?

QUITÉRIA: (*para si*) O pixo responde à violência da cidade. Será que alguém tá tentando nos contar uma verdade?

JOÃO DORY: (*para si*) O que isso quer dizer? Ela tem algum podre? Algo que a tire do poder? Essa pode ser a minha chance.

PREFEITA: (*para si*) Como? Como isso aconteceu? (*desmaia e causa comoção*).

JACINTO: A prefeita Eulália desmaiou! E também não é para menos, depois dos últimos acontecimentos... O clima aqui tá carregado e é o caso de tomar um banho de sal grosso.

João Dory reanima a prefeita, que recobra a consciência.

PREFEITA: (*voltando a si*) É por amor a São Leônco que eu declaro agora estado de exceção! Aqui ninguém entra, ninguém sai, ninguém dorme, ninguém come, ninguém trepa. (*população se desespera*) Chega! A cidade vai parar até que seja descoberto quem cometeu tamanho ato de rebeldia, de agressão aos olhos, de desrespeito contra uma prefeita eleita com 97,98% dos votos: eu, Eulália Queiroz.

Blackout.

JOÃO DORY: Mas isso é inconstitucional.

PREFEITA: Cala a boca, João Dory. Vou formar um esquadrão antipixo, que vai proteger a minha imagem e a de São Leônco. Aqui na minha cidade, quem pixa as regras, digo, quem pinta as regras sou eu.

SEGUNDO ATO: A Caçada

Cena: O esquadrão vai entrar em ação

Prefeita Eulália e João Dory em cena.

PREFEITA: Em todos esses anos, São Leônco nunca foi tão insul-

tada! Me elegi duas vezes, com apenas um voto em branco e um voto contra na última eleição, sendo que uma dessas pessoas nem está mais entre nós. Éramos sempre eu e você concorrendo às eleições. Um jogo político? Claro que não! Um jogo em que tiramos pedra, papel e tesoura para defender a população e seguir rumo ao progresso. Agora só me resta caçar o autor desse pixo e calar essa voz irritante.

O esquadrão antipixo EAPIX (Eulália, João Dory e Jorgiana) canta o hino EAPIX.

HINO EAPIX¹

Coro:

Pixo: poluição visual

Pixo é sujeira

Pixo: depredação do patrimônio

Pixo: destruição de São Leônico

Prefeita (falado):

O pixo não é a voz do povo

O pixo é a voz dos bobos

Coro:

O esquadrão vai entrar em ação

Descobrindo quem foi o autor do pixo

Vamos remover a pixação

Limpando a cidade

EAPIX, EAPIX, EAPIX, EAPIX em ação

Pixo não!

¹ Composição original de Clarissa Roberta para o texto dramatúrgico.

Cena: Quem pixa não fica escondido por muito tempo

Jacinto faz uma limpeza energética no espaço. E, para não levantar suspeitas de sua investigação sobre o pixo, ele vende banhos de ervas e outros objetos místicos para que assim possa, de alguma forma, saber o que acontece na cidade.

JACINTO: Quitéria querida, não quer levar um banho de ervas? Estou sentindo o peso do mau-olhado em você. Até agora você é a maior suspeita do caso do pixo.

QUITÉRIA: Jacinto, meu irmão, eu não tenho nada a esconder. Vou espalhar poesia enquanto eu viver. Pro esquadrão, todo artista de rua é igual, na boca deles, vira xingamento dizer “marginal”.

JACINTO: Então você emana luz para o pixador?

Jorgiana chega.

QUITÉRIA: Ihh, deu minha hora de ir.

JORGIANA: Quitéria, espera aí. A gente tava se conhecendo tão bem.

QUITÉRIA: É, a gente curtia fazer amor-poesia, mas esquece, ficou no passado. Melhor cada uma ir pro seu lado.

JORGIANA: São só negócios, você não entende? A prefeita

tá apoiando o mercado e eu tô ajudando a acabar com o vandalismo na cidade.

Quitéria sai indignada.

JACINTO: Sorte no jogo, azar no amor. Jorgiana, você disse que a prefeita está apoiando o mercado...

JORGIANA: Ela comprou as tintas para pintar os muros da prefeitura lá no meu mercadinho.

JACINTO: Eu vi que você voltou a dar café de brinde para os clientes. É um grande gesto de caridade, pensando nas dificuldades que você estava passando.

JORGIANA: É que as vendas melhoraram. A prefeita comprou muito café. (*se dá conta de que Jacinto está obtendo informações*) Mas por que tantas perguntas? Eu não tenho tempo pra ficar com conversa fiada. EAPIX em ação.

Cena: Arquitetando uma emboscada

No gabinete da prefeitura estão a prefeita Eulália e João Dory. Lourdes ouve atrás da porta.

JOÃO DORY: Estou com a senhora para tudo. Pode contar comigo para o que for, qualquer coisa mesmo. Estou aqui para te ouvir, para guardar qualquer segredo, qualquer coisa que

você não tenha contado para outras pessoas da cidade.

PREFEITA: Cala a boca, João Dory. Você acha mesmo que eu teria algo a esconder? Eu te chamei aqui porque preciso montar uma nova estratégia para descobrir quem pixou a cidade.

JOÃO DORY: A senhora acha mesmo que é preciso tudo isso? Mais cedo ou mais tarde, o culpado vai aparecer.

PREFEITA: Eu não posso esperar, João Dory, quer dizer, São Leôncio... São Leôncio não pode esperar! A gente tem que expandir nossa rede de suspeitas.

JOÃO DORY: Estou seguindo Quitéria há três dias e a única conclusão que tirei é que, pra gente assim, a vida é uma festa. Ela passa o dia vendendo poesias e tem quem compre.

PREFEITA: Festa! João Dory, você é um gênio. Vou dar uma festa. Bem, uma festa não, mas um jantar comemorativo para atrair todos os suspeitos para o mesmo local.

JOÃO DORY: Mas qual é a comemoração?

PREFEITA: Três dias sem o pixo sujando a cidade. A ideia é perfeita. Com comida e bebida, essas pessoas vão acabar ficando à vontade e então o vândalo será descoberto! (*satisfeita com a ideia*) Depois disso, poderei finalmente abrir as portas do Parque Municipal de São Leôncio, que vai trazer muito dinheiro para a cidade.

JOÃO DORY: Prefeita excelentíssima, você pensou em tudo.

PREFEITA: Pede pro Jacinto anunciar o “Jantar de comemoração dos três dias sem pixo” hoje à noite, na minha casa. Traje a rigor. (*ela sai*)

JOÃO DORY: (*para si*) Não tem segredos? A mim você não engana, prefeitinha Eulália. (*João Dory sai e Lourdes fica sozinha*)

Cena: Quem pixa tem o que dizer

Suspensão. O telefone toca, mas Lourdes não atende. Ela separa papéis no gabinete, está procurando as provas que reuniu. Ela escreve em alguns papéis. Estende uma faixa no chão e pega uma tinta spray, mas o ato de pixar fica no ar.

LOURDES: (*ela atende uma ligação*) Alô, Lourdes do Centro de Referência de Assistência Social, com quem eu falo? Denúncia de pixo na porta do banheiro da sua lanchonete? Liga na prefeitura, eu trabalho no CRAS. (*em outro tom*) Tá e o que dizia o pixo? “Por que tem tanta gente largada pelas ruas?”. E isso te incomodou? E não é crime não dar a essas pessoas condições básicas? Fazer campanha de agasalho? E por que não repensar as políticas públicas? (*desliga*)

TERCEIRO ATO: A DESCOBERTA

Cena: O jantar investigativo

O jantar de comemoração acontece na casa da prefeita.

Todos os cidadãos estão presentes. Inicialmente desconfiados, aos poucos passam a aproveitar o jantar das maneiras mais inusitadas.

JACINTO: Eu nunca acreditei nessa vida de jornalista, eu queria mesmo é ser cantor de forró, e a mediunidade, bom, essa veio com o tempo.

JOÃO DORY: Eu sempre gostei das suas matérias, mesmo com todo esse frufuru místico.

LOURDES: Eu gosto de cantar. Amo um karaokê.

JOÃO DORY: Quem diria! (*para si*) Ela com essa cara tão sem graça e essa voz cansativa gosta de karaokê.

JACINTO: Eu diria, dá pra sentir uma vibração na sua voz. Que pena que não tem karaokê nessa festa.

JOÃO DORY: (*para si*) Não basta o pão, tem que dar o circo também.

JACINTO: Quê?

JOÃO DORY: Se algum de vocês tiver karaokê, pode trazer. A prefeita Eulália vai amar. Ela quer acabar com essa tensão que o pixo gerou.

LOURDES: Eu tenho. Vou lá rapidinho e já volto.

Em outro canto, Quitéria e Jorgiana.

QUITÉRIA: Minha nossa, para com essas brincadeirinhas deliciosas.

JORGIANA: Volta pra mim, Quitéria, eu te amo.

QUITÉRIA: Eu já disse, neném, com política não se brinca. Vamos só viver o momento e depois a vida segue seu movimento.

A prefeita chega e pede a atenção de todas as pessoas presentes.

PREFEITA: Amados cidadãos leoninos, é muito bom recebê-los aqui em casa, ou melhor, na nossa casa. Sei que vocês sabem que todas as medidas que tomei nos últimos dias foram para o bem da nossa cidade, para o bem de vocês.

JOÃO DORY: Sim, sim, é verdade.

PREFEITA: (*lançando um olhar silenciador para Dory*) Mas tenho ainda mais uma surpresa. Eu trouxe algumas perguntas pra gente jogar uma versão divertida de verdade ou desafio. Explica as regras, João Dory.

JOÃO DORY: Nesse jogo, a prefeita faz perguntas e vocês escolhem se querem responder à pergunta com a verdade ou se querem completar um desafio.

As pessoas reagem animadas, embora desconfiadas. Lourdes chega.

LOURDES: Voltei! E trouxe o karaokê. Ele tava guardado dentro do armário, mas eu não sabia onde exatamente...

PREFEITA: (*interrompendo*) Que ótimo, Lourdes querida. Talvez a gente use durante o jogo. Bem, vamos lá. (*para João Dory*) Fica de olho em tudo, João Dory. A primeira pergunta (*sorteia*) vai para Jorgiana. Jorgiana, onde você estava na véspera da pixação?

JORGIANA: Eu escolho a verdade. Eu estava com a Quitéria, a gente tava se conhecendo melhor...

JOÃO DORY: (*interrompendo*) Você confirma isso, Quitéria?

QUITÉRIA: Eu sempre vou preferir o amor, ainda que depois só haja dor.

PREFEITA: Certo, essas respostas poéticas não ajudam muito. Vamos para o próximo. A pergunta agora é para... Olha só, é uma pergunta para Jacinto.

JACINTO: Eu escolho desafio.

PREFEITA: Eu ainda não li a pergunta.

JACINTO: É desafio! Lourdes, liga o karaokê aí que vou cantar “Chorando se foi”.

Cena: O pixo responde à violência da cidade

Lourdes simula ligar o karaokê e ocorre um apagão. Há certa comoção, que é interrompida por sons de pixação. EAPIX fica alerta. Ouve-se uma voz distorcida.

VOZ: Prefeita da água suja. Eulália Queiroz é uma farsa. O que é democracia? É a aplicação da lei, então que a lei seja aplicada.

PREFEITA: João Dory!

JACINTO: O alinhamento dos astros já tinha revelado as transformações. Com a transição de Plutão, Urano e Netuno, esta noite vai mudar tudo em São Leônicio.

JORGIANA: (*procurando Quitéria*) Quitéria!

QUITÉRIA: A cidade é caótica e o pixo é o caos, o acrobata da avenida, pra alguns, o bem, pra outros, o mal.

PREFEITA: Quem quer que seja, não vai se safar disso!

JOÃO DORY: (*para si*) Meu Deus, hoje ela vai ser desmascarada e eu vou sentar na primeira fila. (*em voz alta*) Achei a caixa de luz!

João Dory acende as luzes. A sala da prefeita está tomada por pixações, com frases que dizem “Até a última gota de tinta e de água”, “O que deixa a cidade feia é essa prefeita da água suja”, “Pixo e logo existo” e “www.prefeituradesaoleoncio.gov.br/assistenciasocial/

ouvidoria/reclamações". Há papéis jogados no chão. Todos se chocam, mas cada um à sua maneira: João Dory sente certo prazer. Quitéria acha inovador. Jorgiana acha horrível. A prefeita entra em crise. Lourdes não está entre eles.

PREFEITA: *(em choque) Eu, eu não acredito.*

Os cidadãos leem os papéis e reagem a cada segredo revelado.

JOÃO DORY: *(lendo) "Qual é a relação entre o parque municipal e o episódio de água contaminada? Enquanto a prefeita dizia que cuidava da cidade, o povo se contaminava."*

PREFEITA: Para de ler isso, João Dory! Amados cidadãos leoninos, isso não é verdade...

QUITÉRIA: *(interrompe) "Vocês já se perguntaram por que os valores destinados ao turismo pararam de ser divulgados no site oficial? Há seis meses, enquanto todo mundo cagava, a prefeita usava no parque o dinheiro do tratamento de água."*

PREFEITA: Vocês vão mesmo acreditar nesse vândalo? Eu, Eu-lália Queiroz, construí esse parque pro bem da nossa São Leônico.

JORGIANA: A prefeita explicou o que aconteceu naquela época. Vocês não lembram? Nossa água foi contaminada por um cano de esgoto de uma cidade rival.

PREFEITA: Isso mesmo, Jorgiana, a culpa foi daquela cidade rival. Va-

mos lá! Comigo, EAPIX! (*cantando*) O esquadrão vai entrar em ação...

JACINTO: (*interrompendo, para Jorgiana*) Cidade rival? Você diz isso porque não foi afetada. Naquela época, o mercadinho vendeu muitos produtos. E agora, nessa caçada antipixó, o mercadinho tá fornecendo as tintas para pintar a prefeitura.

PREFEITA: Como você sabe disso? Não importa, chega! (*ponderosa*) Eu fui eleita com a maioria de votos, eu sou a prefeita, a representante da voz do povo.

As pessoas ficam em silêncio.

LOURDES: (*entrando em cena com o microfone*) Você subornou a vigilância sanitária, Eulália. Fiquei sabendo que até empréstimo bancário fez.

TODAS: Lourdes?! (*Jorgiana vai tomando consciência durante a discussão*)

PREFEITA: Você não sabe o que está dizendo. Você está fora de si!

LOURDES: Eu sei muito bem o que estou falando. Como você pôde desviar o dinheiro do saneamento básico para usar na construção deste parque? Achou que ninguém iria descobrir? (*a prefeita está em estado de choque*)

JOÃO DORY: Seria uma dívida enorme. Meu Deus, (*lendo*) “R\$ 3.597.754,32”, esse é o valor da verba de saneamento básico da cidade!

LOURDES: A Sanipesp forneceu durante um mês água imprópria para consumo. Aquela água mal cheirosa, com coloração modificada, não foi causada por uma cidade rival ou por ferrugem, muito menos por variação climática. (*para a prefeita*) Aqui, um relatório com todas as suas falcatruas. Ele já foi enviado para uma auditoria.

JOÃO DORY: (*para Eulália*) Eu não acredito que você fez uma coisa dessas, Eulália! (*para os cidadãos*) Vocês, cidadãos leoninos, têm meu apoio para acabar com tudo que for inconstitucional.

PREFEITA: Foi você que armou para mim? Depois de todos esses anos deixando você carregar o meu palanque...

JOÃO DORY: (*interrompendo*) Eu não armei, mas bem que eu queria!

PREFEITA: Vocês me dão nojo. E eu, Eulália, não vou ficar aqui pra ver meu nome ser destruído. (*ela tenta fugir, mas a impedem. Ela pede ajuda*) Jorgiana?

JORGIANA: (*contrária à prefeita*) Depois de tudo que você fez? Você vai pagar!

A prefeita tenta fugir novamente, mas não consegue.

PREFEITA: (*vê um spray de tinta*) Quem diria, Lourdes? Você pixando como uma criminosa.

Ela espirra tinta em quem a cerca, abrindo espaço para sua fuga.

Elá foge em direção à plateia, mas os cidadãos vão atrás dela.

LOURDES: Crime? Eu tô falando de justiça social, de revolução. A margem vai ocupar o centro.

Um pixo no muro: “Fora, ditadura.”

Anos 60 e 2025 ao mesmo tempo nas ruas.

Quem pixa, pixa por quê?

A rua é pública e tem o que dizer.

Mas pra quem? Por quê?

A arte acontece no risco.

O esquadrão tava ON.

Mas e o pixo?

“O pixo é a marca que marca as páginas da cidade.”

“Jesus te ama”, “axé”. Oração.

“Prefeita da água suja.” Reivindicação.

“Afeto e safadeza.” Humor em dias cinzas.

Alguém escreveu poesia na porta da tia Rita.

“5,20 não”, palavras organizando pensamento marginal.

Movendo a arquitetura da cidade, palavra pixo é palavra presença. Pixo com ou sem poesia é resistência.

Em São Leônco, denunciando a má gestão pública.

Em outras ruas, outros muros, pixo é movimento contracultura.

O telefone toca. Lourdes atende.

LOURDES: Alô. O quê? Outro pixo? (*para o público*) Parece que a situação está ficando incontrolável.

FIM



CLARISSA ROBERTA

Atriz e arte-educadora, com Bacharelado e Licenciatura em Teatro pela Universidade Anhembi Morumbi, além de dramaturga e dramaturgista em formação pela SP Escola de Teatro. É poeta periférica, compositora musical, professora de Arte na rede municipal e mediadora de leitura, integrando da Rede de Bibliotecas Comunitárias LiteraSampa e da RNBC (Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias). Integrante, há 10 anos, da Companhia Teatral Artemanha, coletivo periférico de teatro, com mais de 20 anos de existência, no qual atua como atriz, criando também de forma coletiva dramaturgias e composições musicais, além de realizar oficinas de teatro. Dentre as principais ações realizadas em parceria com o coletivo, está a estreia em 2023 de *O dia em que o circo chegou*, espetáculo teatral infantojuvenil, de sua autoria, que circulou em espaços culturais do município de São Paulo, por meio do projeto Trilhas da arte: semeando cultura e espalhando saberes, aprovado pelo Edital Múltiplas Linguagens – 2^a edição, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Além disso, em parceria com a Cia Teatral Artemanha, desenvolveu projetos como: o espetáculo *Davis: a voz da liberdade*, no qual conta a história de Angela Davis e outras mulheres que lutaram contra a violência, refletindo sobre questões de gênero, desigualdade social e racismo; *Pelos Olhos de Carol: sementes*, iniciativa que apresenta Carolina Maria de Jesus de forma lúdica para crianças e adolescentes; *Teatro de Barros*, projeto que leva o teatro as ruas e palcos a partir das poesias de Manoel de Barros; *Rosas de Carolina*, espetáculo que conta a história da escritora Carolina Maria de Jesus.





DEPOIS DO HOMEM

por Blendon Cassio



DEPOIS DO HOMEM

por Blendon Cassio

60

O HOMEM

HOMEM: Boa noite. Esta é a última hora da vida desse homem que vos fala. Como eu sei? Não sei, estou um pouco confuso. Fico feliz que aceitaram o convite do homem e vieram. No momento, o que sei, o que consigo dizer, é que daqui a uma hora, daqui a sessenta minutos, esse homem estará morto. Hoje, daqui a sessenta minutos, todos testemunharão a morte de um homem. Estão aqui para isso. Um evento pré-morte, um velório em vida. O homem não quer que a partida seja triste. Vai ter música e comida. Coxinha. Não sei como o homem morre. Hoje é dia de celebrar esse homem. Quando não houver mais oxigênio e nutrientes para os órgãos do homem, quando a pulsação, a circulação sanguínea, a respiração e a atividade cerebral pararem, peço que não se preocupem com o corpo. O pagamento do serviço funerário está em dia. O corpo do homem será lançado ao mar. O homem quer felicidade nos olhos de quem testemunha seu último sorriso amarelado. Não sei como o homem morre. O homem tem todos os dentes, é saudável, jovem, forte e não tem inimigos. Não há lugar para tristeza. O homem quer que se entretenham, se animem, se alimentem. Não haverá sangue. Não haverá apedrejamento. Não haverá enforcamento. Não haverá cadeira elétrica. Não haverá injeção letal. Não haverá guilhotina. Não haverá tiro de fuzil. O homem

não se suicidará. O homem não sabe como e por que vai morrer. O homem está confuso. Haverá vida. As coxinhas serão fritas. O homem organizou esse evento. Você está seguro. Você está protegido. Tem coxinha vegana. O homem não quer um clima mórbido. O homem não veste preto. Que o homem morra! Festa!

*Todo homem tem que morrer
Não adianta correr
Todo homem tem que morrer
Não adianta adiar
Não adianta chorar
A única resposta
Mesmo que você esteja na bosta
É festear, é lembrar
Beba o morto
Coma o morto
E não esqueça, homem
Seu dia vai chegar
Degluta teu chorar
Ajuda ele
Ajuda ele a lembrar
Memorar
Encruzar
Festejar*

CORO: Homem, que convite insano. Nessa terra, a morte não é festa. Ou nos explica por que e como morrerá ou vamos embora.

HOMEM: Não sei o porquê e o como, só sei que o homem tem

plena certeza de sua partida. Vocês não correm perigo. Fiquem até o fim e poderão testemunhar que conto a verdade.

CORO: Vamos embora! Não haverá festa na morte sem um porquê. Aqui a morte é triste a não ser que... Aqui a morte cala e chora a não ser que... Aqui a morte é vingança a não ser que... Aqui a morte é sentença a não ser que... Aqui a morte é justa a não ser que... Aqui a morte veste preto. Não festejaremos sua morte. Você é um homem qualquer!

HOMEM: Lhes afirmo: o fim do homem é certo. Peço que seu último desejo não seja ignorado. Fiquem, festejem e me ajudem a descobrir por que e como o homem morrerá.

CORO: Desconfiamos de ti, homem. Não veste preto, sorri de orelha a orelha, quer festejar. Demonstra uma calma que não apetece aos que estão prestes a partir. É confuso, mas tem certezas. Diz que não tem doenças, não está ameaçado. Isso é balela! Você é um homem qualquer! Vamos embora!

HOMEM: Então façamos um acordo. Fiquem e me ajudem a descobrir por que e como o homem morrerá. E, se isso acontecer, todos os bens do homem serão divididos entre vocês. Tudo o que o homem juntou durante a vida será deixado para vocês como herança.

CORO: Você acha que pode nos comprar?

HOMEM: Não...

CORO: Herança? Quais são esses bens?

HOMEM: Um navio com um porão. Um lote grande de terra fértil, com rio, cachoeira, minerais, árvores. Uma casa grande, toda mobiliada, com área para empregados. Cinco quilos de coxinha que devem sobrar.

CORO: Está certo. Nossa curiosidade, benevolência e humanidade falam mais alto e, pensando melhor, não podemos deixar um homem sentenciado e confuso sem ajuda. Isso é humanidade. Mesmo desconfiados, ficaremos.

HOMEM: As coxinhas serão fritas.

CORO: Amamos coxinha. Agora nos diga: tem alguma pista, algo que possa esclarecer as ideias?

HOMEM: Como disse, estou confuso, não consigo lembrar o porquê e como, só tenho certeza de que o homem morre daqui a sessenta minutos.

CORO: Talvez conhecer seu passado possa nos responder como e por que você morrerá. Afinal, estamos aqui para te ajudar e festejar. Um homem com tantas posses certamente viveu uma vida boa. Será fácil de saber se algo em seu passado explica o destino fatal.

HOMEM: Certamente encontraremos algum motivo no passado do homem. Quais são suas perguntas? O que querem saber? Responderei tudo o que lembrar. Que o homem morra! Festa!

CORO:

Homem

Não tenha mais receios Homem

Revira os teus medos Homem

Me conte teus segredos

Antes da despedida, festeja tua vida e me diga...

Quem é teu pai? Você foi criança? Como ficou rico?

Quem te amou?

E...

Que horas fica pronta a coxinha?

Homem Vivendo sempre em fuga

Homem

Não traga mais desculpas Homem

E que não haja dúvida

Antes da despedida, festeja tua vida e me diga...

Quem é teu pai? Você foi criança? Como ficou rico? Quem te

amou?

E...

Que horas fica pronta a coxinha?

Ahhhhh!

50

QUEM É TEU PAI?

HOMEM: Meu pai era alvo. Fugiu. Fugiu porque sabia. Porque sabia como. Porque sabia como eu. Porque sabia como eu ia. Porque sabia como eu ia nascer. Meu pai. Alvo. Me viu. Alvo. Não deu conta. Não deu conta dele. Não deu conta dela. Não

deu conta de mim. O velho. O velho está em fuga. O velho está em fuga porque é alvo. Correndo. Esquivando. Esquia, velho. Esquia. É lama. É pé de lama. É puta. Pula. Sai. Desce. Arrasta. Deixa. Deixa minha mãe. Abandona minha mãe. Minha mãe. Minha mãe é alvo. Meu pai é alvo. Eu sou alvo. Meu pai. Meu pai desaparece. Meu pai aparece. Meu pai aparece aos sete. Meu pai. Meu pai é alvo. Meu pai olha pra mim. Eu olho pro meu pai. Meu pai me oferece. Meu pai me oferece um pirulito. Meu primeiro. Meu primeiro presente. Meu primeiro presente do meu pai aos sete. Meu primeiro presente do meu pai aos sete é um pirulito. É feno. Aos sete. Olho pra ele. Alvo. Olho pra minha mãe. Alvo. Meu pai. Meu pai não é. Meu pai não é você. Minha mãe diz: “É seu pai”. Meu pai alvo diz: “Sou sim”. Meu pai. Meu pai alvo. Meu pai alvo brada: “Vamos para as montanhas! Vamos para as montanhas, meu filho! Vamos. Te dou um cavalo. Te dou terra. Você planta. Você planta pra mim. Vem. Vem com o pai. Vem com o pai dar tiro. Vem com o pai engravidar umas éguas. Vem com o pai dar coice. Vem com o pai colocar o pau na mesa. Vem com o pai beber. Alambiques. Trambiques. E tudo o que há de bom. Os ingredientes perfeitos. Para criar o homem cavalo perfeito. Perfeito? Você? Não tem como. Mas vem com o pai. O pai vai te deixar menos alvo. Mais alvo”. Mamãe grita: “Sai, velho”. Eu grito. Eu grito sorrindo: “Meu pai é alvo”. Minha mãe grita. Minha mãe grita chorando: “Teu pai é um cavalo”. Minha mãe diz: “Vai embora, velho”. Eu digo: “Fica”. Ele diz: “Vou”. Meu pai alvo desaparece. Aos sete. No mesmo dia do pirulito. Pocotó. Nunca. Nunca mais. Nunca mais meu pai. Dizem. Dizem que. Dizem que tenho. Dizem que tenho tantas irmãs. Alvas. Eu alvo. Mamãe, alvo. Papai, alvo.

Irmãs alvas. Eu não pareço com papai. Papai mandou recado.
Papai mandou recado. Papai mandou dizer. Papai mandou dizer
que sente. Papai mandou dizer que sente saudade docê. Papai
até te mandou. Papai até te mandou um pirulito de presente.
Vai tomar no cu, papai. Só. Só um pirulito. Só uma vez. Só uma
vez aos sete. Pocotó. Meu pai. Meu pai alvo. Eu alvo. Eu alvo
estou no escuro. Estou no escuro da tua memória, papai. Papai
alvo. Pocotó. Sobe a montanha. Pocotó. Abandona a criança.
Pocotó. Fala pra ele. Fala pra ele que eu vou. Fala pra ele que eu
vou virar engenheiro. Fala pra ele que eu vou ter. Vou ter casa.
Vou ter sítio. Sitiado. Cavalo. Cavalo de raça. Vou ter carro. Fala
pra ele que. Fala pra ele que eu vou comprar todos. Fala pra
ele que eu vou comprar todos os pirulitos do mundo. Lollipop.
Fala pra ele que eu vou ser diferente. Fala pra ele que. Fala pra
ele que eu quero ser alvo. Eu. Alvo. Mamãe. Alvo. Papai. Alvo.
Pocotó. Meu cavalinho. Meu cavalinho pano branco. O pano
branco era pra ser meu. Volta, cavalinho. Volta, pano branco.
O caminho será menos. O caminho será menos cansativo com
você, pano branco. Pocotó. Meu pai alvo. Pocotó. Corre, velho,
foge, velho alvo, eu alvo, mamãe alvo, papai cavalo. Meu pai é o
homem cavalo! Meu pai é o homem cavalo!

Volta, pano branco

Na sua garupa, vou ser mais feliz

Vai ser mais fácil subir as montanhas

Sua crina brilha e balança

Me leva na tua garupa

Alivia minhas andanças

Mostra pra essa criança

*Que tua pelagem branca
Não suja quando
Quando ela sobe na tua garupa
Volta, pano branco
Senão eu vou te buscar a vida toda
Vou procurar nos cavalos iguais a você
Algum alívio.
Mas só você podia subir aquela montanha
Volta, pano branco*

CORO: Homem cavalo? Agora temos certeza de que está confuso, já não consegue diferenciar humano de animal, não domina suas faculdades mentais.

HOMEM: Estou bem confuso.

CORO: Como pode nos garantir sua herança se é tão confuso?
Olhando para você, não diríamos que é um homem de posses.
Queremos prova de que seus bens existem.

HOMEM: Confiem. Todos os bens existem. Fiquem. Vocês não têm nada a perder.

CORO: Pois, então, como pode garantir que receberemos essa herança?

HOMEM: Gravem um vídeo meu dando garantia de que ficarão com os bens.

CORO: Gravando.

HOMEM: Isto é um testamento. Se os homens que possuem este vídeo descobrirem por que e como o homem morrerá, deixarei para eles toda a herança. Um navio com um porão. Um lote grande de terra fértil, com rio, cachoeira, minerais, árvores. Uma casa grande, toda mobiliada, com área para empregados. Cinco quilos de coxinha que devem sobrar.

CORO DE HOMENS: Gravado.

HOMEM: Agora o vídeo fica comigo. Assim que descobrirmos como e por que o homem morrerá, terão posse do registro.

CORO DE HOMENS: Parece que também não confia em nós.

HOMEM: Não sou qualquer homem. A esquiva é necessária. Faz parte.

CORO DE HOMENS: Pensando melhor, um abandono de equino pode, sim, gerar coisas que levam à morte de um homem...

HOMEM: Pode?

CORO DE HOMENS: Claro, claro... é... um coice da vida. Você morrerá de desgosto pelo abandono que sofreu... seu, seu coração irá parar. É isso. Uma parada cardíaca causada pela partida não resolvida do pano branco.

HOMEM: Não é isso. Eu sei que não é isso. Não sei como nem por quê, mas não é isso. O homem morre de outra forma e por outro motivo.

CORO DE HOMENS: Como pode saber que não é se não sabe como é?

HOMEM: Eu sei que não é sem saber como é.

CORO DE HOMENS: O senhor sabe mais do que conta.

HOMEM: Sei que não é esse o motivo. Sei também que o homem pode morrer a qualquer momento. A qualquer momento não. Sei que o homem vai morrer em menos de uma hora. Eu sempre soube.

CORO DE HOMENS: Assim dificulta nossa descoberta. Precisa nos ouvir, você não está cem por cento sãos, nós estamos.

HOMEM: Essa confusão não me faz bem. Era pra ser uma festa, mas está virando um enterro. Desisto. Desisto dessa busca. Deixarei o homem morrer na ignorância. Saber as causas da morte do homem será devastador. Melhor só deixar acontecer.

CORO DE HOMENS: Não! Não desista agora. Estamos tão perto de conseguir e as coxinhas estão ficando prontas. Se não foi o cavalo, outras coisas na sua infância explicarão como e por quê. Estamos felizes e festejando, não desista. Você não é qualquer homem. Você é tão educado. Tão diferente. Nos conte sua história

e a história será capaz de nos contar como e por que morrerá.

HOMEM: Certo. Agradeço. A história certamente tem essa capacidade. Mudei de ideia. O homem prometeu felicidade e assim será. Esse fim não será trágico. Que o homem morra! Festa!

40

VOCÊ FOI CRIANÇA?

HOMEM: Era uma vez um cavalinho chamado Cavalinho. Ele vivia numa cidade com diversos animais, inclusive com muitos cavalinhos iguaizinhos a ele. Sua mamãe, a dona Égua, criou Cavalinho com muita dificuldade e sempre explicou que o esforço faria dele um cavalinho vencedor. Dona Égua sempre relinchava: “Cavalinho, você é tão lindo!”. E Cavalinho sorria de orelha a orelha. A cidade era muito perigosa, então dona Égua sempre cuidou muito para que Cavalinho não ficasse pela rua, em más companhias, fazendo coisas erradas. Cavalinho andava sempre asseado, roupa limpa, crina raspada, olhar de respeito aos mais velhos e autoridades. Seguia a cartilha de proteção da mamãe, dona Égua. Cavalinho tinha mãe.

Na escola dos animais, Cavalinho adorava aprender com a professora Corujona, mas era só disso que ele gostava. Os outros animaizinhos da escola odiavam o sorriso do Cavalinho e achavam o pelo dele feio, seco, opaco, chocho, sem vida, sem viço. Para os animais, Cavalinho era pobre e feio. Coitadinho, sofria bullying diariamente. Certa vez, Cavalinho até tomou uma bicada no olho, de um filhote de águia: “Mamãe, você mentiu para mim,

eu sou feio, meu pelo é feio e nunca mais vou sorrir". Cavalinho ficou muito triste, passou a ter pânico social e a não querer sair de casa nem para brincar no parque. Cavalinho começou a ficar sem saúde, mal conseguia cavalgar, não tinha e nem queria ter nenhum amigo. Quanto mais rejeitavam Cavalinho, mais ele pensava em desistir da vida. E assim, triste, isolado e depressivo, Cavalinho foi crescendo, virando adolescente.

Certo dia, uma grande águia da cabeça branca, chamada Zunido, dona de uma grande mineradora, encontrou Cavalinho cabisbaixo pela rua e percebeu sua grande angústia: "Vamos passear pela floresta, Cavalinho". Depois de recusar e Zunido insistir, Cavalinho finalmente cedeu e saiu para passear, afinal, Zunido era muito importante na cidade. No caminho, a águia foi contando como ela era um símbolo de liberdade, força, vontade, resiliência e prosperidade. Disse que Cavalinho podia tudo, até voar, se quisesse. Cavalinho ficou feliz com as palavras da águia. Zunido dizia que Cavalinho precisava ocupar a cabeça, para não dar espaço aos pensamentos ruins, trabalhar duro e diariamente para ser um animal feliz, próspero e longevo: "A partir de amanhã, você trabalhará na minha mineradora". Cavalinho começou a trabalhar muito cedo e, ao longo dos anos, percebeu que sua angústia não ia embora, mesmo estando muito ocupado. A águia mentiu para Cavalinho, nada melhorou, e tirar sua vida era cada vez mais uma realidade: "Quero morrer!".

Num ato de coragem, Cavalinho se demitiu e, com a rescisão trabalhista, mudou de cidade, procurando uma vida melhor. Mal sabia que na cidade grande os animais eram ainda mais

cruéis. Os empregos muitas vezes eram piores. Lá, os animais ainda achavam Cavalinho feio e eram cada vez mais sofisticados na hora de ofender o equino.

Num dia cinza, a raiva acabou tomando conta do coração de Cavalinho, que agora não tinha emprego, família por perto e amigos. Ele saiu de madrugada, no desespero, e conseguiu uma arma com alguns animais barra pesada que conheceu no beco animal. Lembrou da dona Égua, sabia que ela ficaria triste, mas isso não o impediu. Na manhã seguinte, assaltou uma lotérica. Cavalinho sentiu uma adrenalina que nunca havia sentido, era como se finalmente tivesse poder. Era como se finalmente, com aquela arma no casco, ele pudesse ser superior a todos. O olhar de medo no fundo dos olhos dos animais que trabalhavam no caixa da lotérica, que imploravam pela vida, fez com que ele se viciasse nesse sentimento de poder, nessa adrenalina, nesse poder de decidir quem vive ou morre. Finalmente, Cavalinho se sentiu o dono do mundo. E, ainda por cima, não foi pego — um outro cavalo parecido com ele foi preso em seu lugar: “Eu sou invencível!”.

Cavalinho, livre e cheio de dinheiro, voltou para sua cidade natal atrás de vingança. Anonimamente, conseguiu reunir seus colegas de escola num grande evento de reencontro em um salão de festas. Todos aqueles animais que causaram os maiores traumas de sua vida confirmaram presença. Cavalinho esperou todos chegarem, trancou as portas e botou fogo no lugar. Galões e galões de gasolina cumpriram seu papel. Todos os animais queimaram. Cavalinho podia sentir o cheiro da carne deles assando e,

quanto mais forte o cheiro ficava, mais prazer Cavalinho sentia: “Queimem, malditos, queimem!”. Zunido, a águia dona da mineradora, passava perto do local que pegava fogo e, num voo rasante, viu Cavalinho fugindo e os animais queimando.

A patrulha canina iniciou as buscas por Cavalinho, que não conseguiu se esconder e logo foi encontrado pela excelente corporação de segurança pública. Eram dezenas de cães policiais com as armas apontadas para Cavalinho. Encurralado, Cavalinho viu Zunido no meio dos policiais, com um fuzil engatilhado e apontado para sua cabeça: “Você matou meus funcionários”. Cavalinho gargalhou: “Hahaha, eu me vinguei. Eu sou o dono do mundo”. Dois tiros. Um na cabeça, outro no peito. Fim.

Moral da história: todo fuzil foi criado para dar tiro em cavalo.

CORO DE HOMENS: Você queimou pessoas, digo, o Cavalinho queimou os animais? Assaltou lotérica? Está sendo perseguido pela polícia? Aqui não admitimos crimes.

HOMEM: Essa foi apenas uma história que talvez alguém tenha contado para o homem na sua infância. Estou confuso.

CORO DE HOMENS: Tem certeza de que é apenas uma ficção? No meio disso podem existir verdades. Você está confuso. Quem sabe não cometeu um crime ou até mesmo se envolveu com os animais errados e está jurado de morte. Ou a polícia está prestes a te achar e pode te matar. Aperte sua mente e nos diga: você é um foragido? Matou quem não devia?

HOMEM: O homem não cometeu crime algum. Tenho certeza disso.

CORO DE HOMENS: Então como ficou rico? Seus bens são lícitos? O que precisou fazer para ficar rico?

HOMEM: Assaltei lotéricas.

CORO DE HOMENS: Sabíamos!

HOMEM: Isso foi uma piada.

CORO DE HOMENS: Piada? Como tem certeza de que não roubou para ter o que tem? Um homem rejeitado é capaz de cometer os piores atos para se vingar. Não diga que ascender socialmente não é o melhor caminho para ser superior aos que possam ter lhe feito mal.

HOMEM: Talvez seja.

CORO DE HOMENS: Assim, contanto que não traga problemas a nós, podemos até relevar o que fez. Um homem sabe onde o calo aperta. Agora tente lembrar.

HOMEM: E para ser rico precisa cometer crimes?

CORO DE HOMENS: Chega, homem. Nos diga como ficou rico antes que a coxinha queime. Precisamos ter paz. Nos ajude a te ajudar.

30

COMO FICOU RICO?

HOMEM: Vou te ensinar a ficar rico. Você sabia que, a cada cem pessoas, sessenta e nove não guardam dinheiro, ou seja, sete pessoas em cada dez não guardam dinheiro? A maioria do país não guarda dinheiro. Pare de se endividar, pare de fazer díblê de rico. Você prefere viver prazeres momentâneos e ter uma vida de catástrofe, de desastre? Claro que não! A sua sorte é que eu estou aqui e te ensinarei cinco passos para dar adeus à sua vida escassa.

Primeiro passo: o grande problema da mente limitada é antecipar sonhos para viver um prazer que não está na hora de viver. Prazeres momentâneos acabam se tornando maldições. Bênção antecipada vira maldição.

Segunda dica: não faça dívidas e as quite antes de investir. O problema nem é a dívida em si, o problema é o crédito de baixa qualidade. Doze por cento de juros ao mês é só para mentes bloqueadas. Comprar a prazo pra quê? Se é caro, você não precisa.

Terceiro mandamento: não serás pobre de mente. Não tenha a mente escassa. Você recebe um salário para pagar despesas essenciais, comida, água, luz, e, quando sobra cinquenta reais, cem reais, você gasta, você não guarda. Você tem a mente pobre, você tem mente escassa. Tem coisa inútil em casa? Venda. Sempre se pergunte se você vai comprar uma coisa por vontade

ou necessidade. Vontade passa e necessidade se barateia.

Quarto conselho: você que é de classe média, que ganha mais que o pobre, que o escasso de mente, por que você investe o dinheiro em passivos? E o que são passivos? Passivos são bens que não dão lucro, só dão despesa. Você está errando. Por exemplo: uma casa, ou melhor, um carro. Um carro desvaloriza, você está perdendo dinheiro. Imagina se você bater o carro ou precisar pagar uma multa, trocar um pneu. E o tanto que você gasta de gasolina. O carro tira dinheiro do seu bolso. Um carro que custa cem mil hoje, amanhã vai custar cinquenta mil. Passivos aumentam sua despesa. Você não prospera, perde dinheiro. Com essa mente escassa, você sempre será mediano. Quinto truque: meus queridos, a pessoa com mentalidade rica investe em ativos. O que é um ativo? Ativo é tudo aquilo que vai te render dinheiro, lucro. É tudo sobre lucro. Ações, fundos imobiliários, títulos de renda fixa, investimentos. Todos os meses, os ativos vão render dividendos que vão se somar à sua renda. Salário mais dividendos. Você gasta os dividendos? Não! Você investe mais e mais e mais e mais e mais. Isso é uma mentalidade rica. Renda ativa. Vai chegar uma hora que todas as suas despesas serão pagas com seus dividendos e o seu salário vai ser guardado. Tenha uma mentalidade rica. Se sobrar cinquenta reais, invista.

Meus queridos, nós firmaremos um acordo. De hoje em diante, todos aqui vão gastar cinquenta por cento do valor que recebem só para o essencial, o resto vocês vão guardar e investir: "Ah, mas eu não consigo!". Consegue sim! Quem controla o dinheiro

é você ou é o dinheiro que te controla? A gente sabe que, se você der um jeitinho, você consegue. Afinal, você quer ser rico. Todo mundo quer ser rico. Não tenha uma mente pobre, não tenha uma mente de classe média, tenha uma mente de rico. Invista em ativos. Esqueça os passivos. Se não é essencial, você não precisa comprar. Você vai cortar sua saída de fim de semana, vai sim, eu quero te tornar rico. Você vai cortar aquela comida gostosa, vai sim, eu quero te tornar rico. Você vai cortar as roupas novas, as bolsas, os sapatos, vai sim, eu quero te tornar rico. Você vai cortar toda a cultura que você consome, corta filme, corta livro, corta teatro, corta música, vai sim, eu quero te tornar rico. Você vai frequentar lugares que te deem contatos de negócios, uma igreja, por exemplo, vai sim, eu quero te tornar rico. Não é ruim ser classe média, eu até fui, eu vim de baixo, sou humilde, mas, depois que você prova um vinho de melhor qualidade, você não quer qualquer vinho. Depois que você viaja pro melhor lugar e fica hospedado no melhor hotel, você não quer voltar a ficar em qualquer buraco. Depois que você come nos melhores restaurantes, você não quer voltar a comer o podrão da esquina. O privilégio é um caminho sem volta, gosto bom não tem volta. Domine o ciclo financeiro da sua vida. Domine sua vida ou seja dominado.

*Acordarei mais cedo que todos
Enquanto eles
dormem... eu trabalho
Dormir é prejuízo
Folga é fuga
Descanso é armadilha*

*A vida não tem dó
Ou você domina...
Ou você é dominado
Dinheiro não tem pena
Você nasceu pra ser mais um?*
*O mundo é dos que aguentam a pressão, o stress, a cobrança
É dos que viram a noite rindo da exaustão
Você não é funcionário da vida
Você é dono
É patrão da própria realidade
Quer ganhar como rico?
Pense como rico
Trabalhe sem descanso
Sem pausa, sem sesta
Enquanto eles viajam...
Você investe
Enquanto eles bebem...
Você estuda
Enquanto eles descansam...
Você cresce
Tem que doer, tem que pesar
Rico não tem horário
Rico não tem final de semana
Rico dorme três horas por noite
Dinheiro é obsessão
Dinheiro é visão Dinheiro*

CORO DE HOMENS: O senhor é um homem de negócios,
sabe o que precisa fazer para ser rico.

HOMEM: Sei?

CORO DE HOMENS: Sabe negociar, sabe fazer render.

HOMEM: Sei?

CORO DE HOMENS: Trabalhou incansavelmente para superar seus traumas.

HOMEM: Trabalhei? Porque sempre senti que não fiz o suficiente.

CORO DE HOMENS: Sente isso porque queria mais. Porque queria guardar até os dividendos.

HOMEM: O homem...

CORO DE HOMENS: Não fale mais nada, já sabemos o motivo de sua morte.

HOMEM: Qual?

CORO DE HOMENS: Estafa e burnout. Seus traumas de abandono e rejeição fizeram com que você se esforçasse muito mais que todos à sua volta. Isso fez com que você ficasse rico, mas dormisse pouco, descansasse pouco, não desse valor para nada a não ser sua profissão. Esse foi o jeito que encontrou para ser superior aos seus traumas, só não contava que seu corpo não aguentaria por muito tempo esse estilo de vida. Você se tornou

escravo dos seus traumas. Morte por estafa, infarto fulminante seguido de falência múltipla dos órgãos, falência múltipla de tudo.

HOMEM: Não é isso. Tenho certeza. Não é.

CORO DE HOMENS: Como?

HOMEM: O homem deu valor para outras coisas sim. O homem amou mais do que trabalhou. Muito mais.

CORO DE HOMENS: Você nega os fatos, homem, e os fatos saíram de sua boca.

HOMEM: Vocês que não souberam interpretar nada do que o homem disse.

CORO DE HOMENS: Você que não tem mais nenhuma capacidade cognitiva.

HOMEM: O homem amou muito mais do que trabalhou.

CORO DE HOMENS: Está bem, homem. Então nos diga: quem você amou? Quem te amou?

HOMEM: Acham que os motivos podem estar nos amores do homem?

CORO DE HOMENS: Os motivos já existem e você nega. Portanto nos diga quem te amou. Com todas as informações, será

impossível não aceitar nossa conclusão. Somos a única forma de descobrir seu fim. Estamos fazendo um grande apanhado da sua vida. O tempo urge e você não terá outra escolha a não ser acreditar em nós.

HOMEM: Está certo. Parece que perdi metade do meu cérebro. As certezas se misturam com as dúvidas. Confiarei em vocês.

CORO DE HOMENS: Sinceramente, nessa altura, independe de você. Faça sua festa e aceite nossa sentença. Não esqueça que estamos famintos.

HOMEM: Está certo. Vocês são meu porto seguro nesses poucos minutos que me restam. Que o homem morra! Festa!

20

QUEM TE AMOU?

HOMEM: Meu amado Brandon,

Lembra daquele dia na praia, quando tomamos um ácido juntos? Caminhamos até a beira da água salgada para molhar os pés. Nos abraçamos. E o mar, atrevido, avançou, querendo tocar o nosso entrelaço. Lembra? Demos um passo para trás porque, provavelmente, íamos nos afogar, morrer e misturar nossos restos dentro da barriga de um parasita aquático qualquer. Eu, com um medo salgado e ácido, te puxei para a areia, amor à milanesa. Sentimos que ela estava nos tragando para o centro da terra, como uma areia movediça. Saímos correndo de mãos dadas, rindo e chorando. Parecia cena de novela.

Ah, meu amado Brandon! Atrás das árvores que cercavam a praia, você abaixou minha sunga, começou a oralizar seu desejo e, quase no ápice da glória, disse que queria beber meu gozo. Eu, num esforço transatlântico, tirei todo o meu néctar para que esse líquido entrasse no seu corpo, colasse suas entradas e, dessa lambança, eu me integrasse a você.

Ah, meu amado Brandon! O amor tomava todo o meu corpo e sem descanso, ali mesmo, quando meu falo entrou na sua alma, senti que nos misturamos tanto que, pela primeira vez, entendi plenamente a expressão “pau no cu”. Eu, no pico da viagem, também entendi como se sente um café com leite. Suas pregas rosas me apertando, eu quase no ápice de novo. Eu entrei em você e você entrou em mim.

Ah, meu amado Brandon! Queria beijar teus lábios, morder, mastigar como um chiclete e assoprar, fazendo uma bola gigante, que estouraria na minha cara e grudaria no meu rosto para sempre! Queria lamber todo o teu suor e tua pele morta para que minhas papilas gustativas se comunicassem com meu estômago e ele pudesse produzir ácidos, e que, assim, eu te engolisse, deglutisse, digerisse e te colocasse na minha rede sanguínea como vitamina. Eu queria escalarpelar sua pele e fazer um casaco branco para desfilar em Paris. Arrancar teu braço e costurar no meu tronco, arrancar tuas unhas e colocar em cima das minhas pra fazer uma bela francesinha. Usar teus olhos como brinco, teus dentes como colar ou até uma gargantilha.

Ah, meu amado Brandon! Eu lembro que, depois de gozarmos

o melhor da vida, seguimos para o nosso camping. E na nossa barraca, envoltos de areia, nus, dormimos de conchinha. Eu era a conchinha de fora, lembra? No outro dia, acordei atordoado, com você ao meu lado, e senti um cheiro de praia, de porra, de caipirinha, de miscigenação, de suor, de Brasil, de hospital, de bolinho de chuva, de suco de uva, de porão de navio, de maconha, de cana-de-açúcar, de espuma de Carnaval, de esgoto, de estupro, de orvalho, de mofo, de neoliberalismo, de brigadeiro, de café com leite, de terra molhada com sangue.

Lembro que, com a visão ainda um pouco embaçada, olhei para sua bunda perolada, como quem olha para o espelho. Me vi refletido nela, na sua bunda avermelhada dos tapas de amor que te dei. Em seguida abri a barraca, respirei um ar puro, salgado, agradeci e bradei: “Ah, Brandon! São tantas memórias. You are the love of my life!”.

O Brandon me amou!

*My love
Não me deixe no mar
Sei que estou doente de amor
Com feridas expostas
Morrendo de dor
Mas só posso viver ao teu lado
Agora só posso viver ao teu lado
My love
Não me jogue no mar*

*Falta pouco para chegar
No lugar que você vai me levar Eu vou andar
Com os pés no chão Roupas de algodão
E um amor para recordar My love
Se você me jogar
A salmoura irá curar meu coração aberto Seja esperto
Me mantenha perto
Se quer me controlar Me dé a chance de chegar lá
Because you are You are
The man of my life You are
The love of my life*

CORO DE HOMENS: Um homem que amou outro homem e que provavelmente ama homens. Nessa terra, isso pode ser causa de morte.

HOMEM: Pelo que sei, nessa terra, todos os homens amam os outros homens. Seus ídolos são homens. Suas referências são homens. Seus amigos são homens. Seu deus é homem. O planeta. O dinheiro. O poder. O ódio. O homem. A causa mortis homem é comum a todos, não?

CORO DE HOMENS: Já não junta lé com cré. Vamos aos fatos. Quem é esse Brandon?

HOMEM: Talvez o homem nem conheça o Brandon. Estou confuso.

CORO DE HOMENS: De onde você o tirou?

HOMEM: Olhando para vocês, que têm a pele perolada igual Brandon. Mas a carta não era desse jeito, não sei se tinha carta, não sei se tinha Brandon. Não tenho certeza.

CORO DE HOMENS: Talvez o Brandon tenha existido. Mas, sinceramente, cansamos, isso não nos importa mais.

HOMEM: Por que não importa? Sinto que estou perto da resposta.

CORO DE HOMENS: Agora? Agora não precisa, temos certeza do porquê e do como.

HOMEM: Então me digam.

CORO DE HOMENS: Homem, você nasceu pobre, foi abandonado pelo seu pai muito cedo, só o conheceu aos sete anos e só o viu uma vez. Isso não justifica uma morte na vida adulta, visto que sobreviveu até hoje, e, convenhamos, que tipo de homem morreria por conta disso? Você saiu fortificado, traumatizado, mas fortificado. A infância também não foi fácil. Você tinha cara de pobre, jeito de pobre e era pobre. Você era feio aos olhos da sociedade. Isso gerou traumas que se somaram ao abandono do seu pai. Você passou a rejeitar o que era. Você era escória, pária. Mas isso também te deu força, isso não te mataria, pelo contrário, isso te catapultou, fez você trabalhar duro para juntar dinheiro, para vencer a mente escassa. Mas depois começou a usar drogas, envolveu-se com homens, gastou muito com viagens, bancou michês. Seus traumas te engoliram e

agora, no final, te sobraram apenas alguns bens. Um navio com um porão. Um lote grande de terra fértil, com rio, cachoeira, minerais, árvores. Uma casa grande, toda mobiliada, com área para empregados. Cinco quilos de coxinha que devem sobrar. Uma vida com altos e baixos, mas nada que realmente pudesse te matar hoje.

HOMEM: Vocês não deram nenhum motivo então. Se nada poderia matar o homem hoje, vocês não chegaram a conclusão nenhuma.

CORO DE HOMENS: Chegamos sim! Você vai morrer, isso é um fato, agora também estamos certos disso. Mas, antes de te dar o veredito, precisamos comer, então por favor nos diga: que horas fica pronta a coxinha?

10

QUE HORAS FICA PRONTA A COXINHA?

CORO DE HOMENS: Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

HOMEM: Hoje é meu aniversário?

CORO DE HOMENS: Sim, meu filho. A festa é grande. Trinta anos bem vividos. Nunca comi tanta coxinha na minha vida. Eu só comia feno.

HOMEM: Pai cavalo?

PAI CAVALO: Sim, meu filho, vim a galope, trouxe todas as suas irmãs alvas pra te conhecer e festejar. Ah, e trouxe um presente. Pirulito. Lollipop.

HOMEM: Eu não te convidei, vai embora!

CORO DE HOMENS: Calma, meu amor, hoje é dia de festa, de celebrar, estou aqui louco pra te amar.

HOMEM: Brandon?

BRANDON: Mais tarde vamos para o seu quarto, tenho uma surpresa, úmida e salgada.

HOMEM: A festa acabou, chega, saiam daqui!

CORO DE HOMENS: Não. Você gastou muito. Agora que fez, aproveite ela até o final, pode ser sua última. Essa festa não era necessidade, era vontade. Vontade passa e necessidade se barateia. Não desperdice as coxinhas fritas. São mais de cinco quilos.

HOMEM: Mas...

CORO DE HOMENS: Não tem mas, tem mais. Mais trabalho, mais dinheiro, mais sucesso, menos traumas.

ZUNIDO: Homem, você é responsável pela festa?

HOMEM: Sou, queria celebrar minha vida...

ZUNIDO: Recebemos reclamação de som alto.

HOMEM: É uma festa.

ZUNIDO: A churrasqueira está fazendo muita fumaça, o cheiro de carne queimada está invadindo as casas.

HOMEM: Mas é uma festa.

ZUNIDO: Não me questione, seu baderneiro.

HOMEM: Eu só quero festear.

ZUNIDO: Parado, mais um passo e eu atiro.

HOMEM: É uma festa, meus trinta anos, você não pode invadir minha casa assim.

ZUNIDO: Parado.

HOMEM: Mas...

CORO DE HOMENS: Você vai morrer com dois tiros de fuzil. Um na cabeça e um no peito. O tiro vai ser tão forte que vai arrancar parte da sua cabeça, estourar seu pulmão e queimar toda a pele em volta. Você vai morrer pela ousadia de nos trazer aqui. Vai morrer pela ousadia de fazer festa na hora de morrer. Vai morrer porque é confuso demais.

HOMEM: Desfibrilador. Eu sempre soube que o homem ia morrer. Paciente com trauma balístico não está respondendo. Eu sempre soube que o homem ia morrer. Quando meu pai me abandonou, eu soube. Quando minha criança teve sua liberdade estraçalhada, sua imagem esbugalhada, eu soube. Quando minha criança quis se matar, eu soube. Quando eu não consegui prosperar financeiramente, eu soube. Quando eu recebi migalhas de afetos, eu soube. Um, dois, três, se afastem. Penso no que poderia ter feito de diferente. Penso que poderia ter assaltado lotéricas, ter entrado em alguma facção. Muitos da minha quebrada fazem isso. Morrem com trinta ou menos. Tenho certeza de que a adrenalina fez parte de todos os sessentas minutos da vida deles. Eles se mataram, eles não aceitaram o que foi imposto, devolveram a violência, de homem pra homem. Fomos forjados na violência. As vias aéreas estão obstruídas. Muitas vezes eu queria ter queimado todos os que me fizeram mal, poderia gargalhar sentindo o cheiro de suas carnes queimarem, churrasquinho. Queria ver o medo borbulhando nas suas peles. Ver seus olhos explodindo, seus órgãos virando cinza. Afinal, foi assim que vocês nos forjaram. O homem ainda é forjado na violência, no abandono. O homem não ama. Um, dois, três, se afastem. Pai cavalo, quero ver sua pele queimar. Brandon, quero ver sua pele queimar. Adrenalina. Zunido, eu quero ver sua pele queimar. O homem não responde. Eu, antes de morrer, amaldiçoou todos que ainda ousam acreditar que esse jeito de viver dos homens vale a pena. Um, dois, três, se afastem. Um navio com um porão. Um lote grande de terra fértil, com rio, cachoeira, minerais, árvores. Uma casa grande, toda mobiliada, com área para empregados. Cinco quilos de coxinha que devem

sobrar. Que vocês acabem em chamas. Eu lanço aos ventos vosso fim. Eu decreto vosso fim. Que a coxinha queime! Que o homem morra! Hora da morte, meia-noite. Festa!

00

DEPOIS DA MORTE

O homem racional, o homem político, o homem criatura de deus, o homem do pecado capital, o homem civilizado, o homem centro, o homem livre, o homem moderno, o homem que compra, o homem que morre. Eu te mato, homem. Eu te mato, morte. Eu te mato, fim. A ideia de fim não é mais minha, eu não acabo mais, eu começo. Quem acaba é o homem. Eu sempre soube que o homem morreria. Por isso a guerra. O homem nunca fez sentido. Por isso a guerra. O homem nunca fez corpo. Por isso a guerra. Eu sempre soube que mataria a morte. Por isso a guerra. Eu sempre soube que eu sou o cruzo e o encruzo. Por isso a guerra. Eu sempre soube que sou espiral. Por isso a guerra. Eu sempre soube que eu não morreria. Eu não morro, o homem é quem morre. Eu só estava confuso. Eu coexisto. Eu sou o antes, o agora e o depois. Eu sou trânsito. Eu sou ponto de passagem. Eu sempre soube que sou o presente. Por isso a guerra. Eu sempre soube que eu sou o passado. Por isso a guerra. Eu sempre soube que sou o futuro. Por isso a guerra. Eu sou tempo do ontem, do hoje e do amanhã. Eu sempre soube que não ia desaparecer. Por isso a guerra. Eu sempre soube que o homem ia morrer. Por isso a guerra. Eu sempre soube que não sou ausência. Por isso a guerra. Eu sempre soube que sou a dança. Por isso a guerra. Eu sempre soube que sou o canto. Por

isso a guerra. Eu nunca desapareço. Eu sou a chave. Eu sou o território. O galo canta. Eu sou o alicerce. Vossa ideia de fim não me cabe. Eu giro. Eu faço festa. Eu estou nas frestas. Eu estou na esquina. Eu estou no batuque. Eu estou na comida. Eu estou na palavra. Eu envolvo. Homem, não me segura, que eu vou festejar! Se quiser matar, me mata, que beber eu bebo mesmo! Eu vou girar! Eu vou sincretizar! Afinal, a esquiva é necessária. Não estou mais confuso. Lembrei de tudo. Vocês erraram. Não foi de tiro que o homem morreu.

Eu que matei o homem. Por quê? Porque eu sempre soube.

Começo.



BLENDON CASSIO

Blendon Cassio é ator e dramaturgo, nascido em São Vicente/SP e criado na Zona Noroeste de Santos, território que carrega em sua trajetória artística. É formado como ator, pela Escola de Arte Dramática da USP, pela Escola de Arte Cênicas Wilson Geraldo de Santos. Atualmente, cursa Dramaturgia na SP Escola de Teatro. Como ator, foi dirigido por nomes como Naruna Costa e Jé Oliveira. Como dramaturgo, adaptou a obra *A Terra dá, A terra quer*, de Nêgo Bispo, para a peça *Aterrada*, apresentada como trabalho de formatura da EAD. Em 2024, integrou o Grupo 59 de Teatro como aprendiz, colaborando na criação de uma dramaturgia inspirada no álbum *Refavela*, de Gilberto Gil. A escrita surge em sua vida como extensão do palco, como um ato de resistência, documentação e poesia a partir das vivências e do ponto de vista de um jovem negro desse tempo.





ÍNTERIM: OU COMO DESPERTAM OS GRIÔS

por Ray Ariana



ÍTERIM: OU COMO DESPERTAM OS GRIÔS

por Ray Ariana

SINOPSE:

O tempo presente tem passado, presente e futuro. O tempo passado também tem passado, presente e futuro. Da mesma forma acontece com o futuro. Estar no íterim é encontrar possibilidades na linha do tempo espiralar que se volta, se projeta e se gesta para nascer. “Íterim” se dá no encontro entre uma trisavó e sua trineta, no qual, juntas, buscam memórias e histórias enquanto tomam um café. No íterim, nos permitimos olhar para o esquecimento enraizado para encontrar a continuidade no tecer dos fios da memória.

PERSONAGENS:**

A QUE VIRÁ: Trineta dA QUE ANTECEDEU. É uma jovem curiosa com os incômodos que viveu e vive e com os mistérios da vida.

A QUE ANTECEDEU: Trisavó dA QUE VIRÁ. É uma idosa cujas mãos tomam contornos específicos.

VÓ LÚCIA: Personagem que sopra soluções para A QUE VIRÁ. Uma versão dA QUE ANTECEDEU mais próxima na árvore genealógica dA QUE VIRÁ.

MÃE: A música que se transforma ao longo do espetáculo. Quem deu a vida à QUE VIRÁ e também que a acompanha nas mudanças de compreensão de quem é.

DA CASA: Moradora da Vila da Região dos Inconfidentes.

SENHORA: Transeunte de boa intuição.

**Peça a ser encenada por uma atuante.

ESPAÇOS:

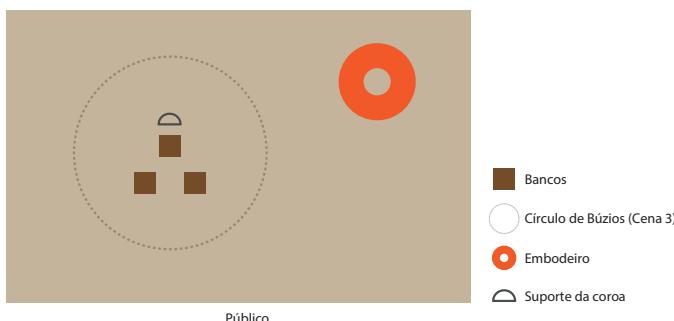
- “O ENCONTRO”: Diálogos que acontecem entre a personagem A QUE ANTECEDEU e A QUE VIRÁ.
- “O REVIVER”: Histórias vivo-narradas pela QUE VIRÁ.
- “A TROCA”: Compartilhamento com o público, mas também o espaço de intimidade da personagem.

CENÁRIO (ponto de vista do público):

3 bancos de madeira ligeiramente à esquerda do palco:

- No banco do meio, acima, existe um suporte transparente para pendurar a coroa da QUE ANTECEDEU.
- No banco da direita, há duas xícaras de metal e um minicoador de café.
- O banco da esquerda se encontra vazio.

À direita do palco, há um embondeiro feito de linhas trançadas. Suas folhas são búzios. No seu interior, há um saquinho de búzios e uma cabaça pequena cortada verticalmente ao meio.



Nota da autora:

Íterim: ou como despertam os griôs é uma proposta de dramaturginga que brinca, joga, luta com o tempo, tendo sido criada a partir da escrevivência como método de pesquisa de criação. Dessa forma, ambientado na Região dos Inconfidentes, em Minas Gerais, escolho permitir que permaneçam no texto as formas pelas quais a oralitura caminha. O que pode ser visto como erro da norma culta do português é encarado por mim como local de enunciação, explicitando algumas expressões e formas populares do falar da região. A exemplo, o uso de plural somente nos artigos ou pronomes possessivos, mantendo alguns substantivos e/ou adjetivos em sua forma singular. A essa forma da linguagem popular, linguistas como Yeda Pessoa de Castro denominam “afrikania”, ou aportes das linguagens africanas para o português no Brasil, já que, para algumas línguas do tronco bantu, o plural se dá por um prefixo. Enfatizando os saberes contidos nos códigos da linguagem, faço a escolha de trazer à dramaturginga o que Lélia Gonzalez nos diz ser o pretuguês.

PRÓLOGO:

Penumbra. Máquina de fumaça. Um toque de berimbau invade a cena. Há algumas vozes balbuciando sílabas e cantando numa língua quase que inventada.

VOZ OFF: (*eufórica*) Eu descobri que temos o direito de olhar pra trás! E mais que o direito. É assim que se vive: olhos atrás e pés à frente.

Luz azul invade o palco. A QUE ANTECEDEU entra e caminha até os bancos. Ela carrega consigo uma beca (leiteira) com água quente. Ela se senta no banco do meio.

CENA 1: QUEM VEIO ANTES CONTA

A QUE ANTECEDEU conversa com o público e com A QUE VIRÁ, que está no banco à direita.

A QUE ANTECEDEU: Engraçado. Me disseram um dia que eu não viria aqui porque só vem aqui quem conta história. E num pode ser qualquer baboseira, não! Tem que ser uma história longa, verdadeira, com essa coisa toda de vitória e de beleza. Como essas histórias contadas aqui no tempo do visto.

Começa a passar seu café.

A QUE ANTECEDEU: (para A QUE VIRÁ) Quando me disseram isso, fia, eu até tentei buscar na memória de algum lugar, algum cheiro, qualquer coisa que me desse uma pista de uma história assim, verdadeira, longa, bela... Mas aí eu pensei: se eu contar que nasci na Região dos Inconfidentes, Minas Gerais, Brasil, por volta dos anos 1880, eu já começaria errado.

Primeiro porque essa não é uma história nada longa, porque, nem se eu tivesse mil anos, essa história seria grande. Ocê sabe o que é um embondeiro, fia?

Luz se abre no embondeiro. A QUE ANTECEDEU olha para A QUE VIRÁ.

A QUE ANTECEDEU: Por aqui eles chamam de baobá, mas é embondeiro. (*A QUE VIRÁ assente com a cabeça*) Sabia que essa árvore africana pode ter até 3 mil anos? (*A QUE VIRÁ nega*) Então como eu, sendo eu, teria uma história longa perto dessa árvore, fia? Não tem como.

Se delicia na memória do café.

A QUE ANTECEDEU: Mas, voltando, essa também não seria uma história muito da verdadeira, ia tá faltando parte, porque eu tenho certeza de que eu já vivi nesse mundo antes, lá na África. Mas é que, quando eu nasci no Brasil, me ensinaram a não contar, não cantar e a esquecer. E, nessa de não contar e cantar nada, a gente até esquece das coisa, elas fica tudo entalada na garganta da gente, igualzin prisão. Do que eu me lembro, meu povo era tudo bamba no conhecimento de mexer nas pedrinha preciosa dos caminhos da Vila Rica que nós morava. Já eu tinha a função de cantar e contar o mundo. Acabou que não deu da forma como eu queria, o inimigo ardiloso num deixou. A riqueza das nossas palavra, eles ensinaram que não era nada. Mas ao menos eu consegui plantar alguns sinais pelo caminho da memória de quem veio daí em diante. E que bom que ocê entendeu eles e conseguiu chegar até aqui, que aí eu posso lembrar e falar um bocadinho.

A QUE ANTECEDEU percebe que A QUE VIRÁ ainda não bereu seu café. Oferece sua xícara e passa mais um pouco de café

para a trineta.

A QUE ANTECEDEU: Não vai passar seu café não, fia? Deixa que eu passo procê. E vou aproveitar docê pra mexer aqui nos meus cabelo, cê dá uma ajeitada aqui pra mim?

A atuante retira a coroa da QUE ANTECEDEU, se tornando A QUE VIRÁ. Ela coloca a coroa no suporte suspenso que está acima do banco do meio.

CENA 2: FOTO-VIAGEM

A QUE VIRÁ encara o público, A QUE ANTECEDEU e o embondeiro.

A QUE VIRÁ: Bom, a senhora me deixou com muito mais perguntas que respostas.

Olha o café sendo passado.

A QUE VIRÁ: Eu nem sei muito bem como começar. Licença da sua coroa, viu?

Ela trança a coroa da mais velha.

A QUE VIRÁ: Hoje cedo eu estava sentada no sofá e senti uma coisa esquisita na garganta... Era como se meu gogó estivesse querendo sair do lugar. Fazia pressão naquela parte mole que mexe no céu da boca, era como se eu quisesse sair de mim mes-

ma pela boca, sabe? A manhã foi passando e a dor de garganta ainda estava lá... Bom, depois disso que a senhora falou, parecia mais uma prisão de garganta... Pensei que eu poderia ter falado demais na noite anterior ou que eu pudesse ter dado um grito sem preparo que assustou os músculos que fazem minha voz ser fala. Mas eu não tinha feito nada disso... Daí eu tentei buscar na memória uma lembrança de já ter sentido isso... essa prisão de garganta... mas não lembrei de nada. Mas é o que dizem aqui no tempo do visto, como a senhora chamou: "O cérebro só guarda o que quer". Então eu esperei que passasse.

Começa a corporificar as próximas lembranças. Para de trançar, mas não solta os fios.

A QUE VIRÁ: Mas não passou. Então eu, que já estava incomodada com aquela sensação, resolvi levantar e andar um pouco.

Ela anda como se estivesse em sua casa. Os objetos são imaginários. Vai até a cozinha, enche um copo com água e bebe. Exasperada, dá meia- volta e vai para a sala. Em desespero:

A QUE VIRÁ: Eu bebi um gole d'água, respirei fundo, contei até três, andei pela casa, respirei fundo de novo, mas a prisão de garganta era tanta que não passava e eu já estava extremamente incomodada com aquela sensação até que minha vó Lúcia apareceu...

É entrecortada pela presença invisível de vó Lúcia, que entrega para ela uma foto. Este objeto também é invisível. Ela vê a foto por alguns instantes. Desmancha. Fala para A QUE ANTECEDEU:

A QUE VIRÁ: A minha vó Lúcia apareceu com uma foto que achou no meio dos documentos sem uso que ela guarda.

Levemente atordoada, com um respiro de felicidade, devolve a foto e se senta no banco à direita.

A QUE VIRÁ: (para o público) Na foto em preto e branco estava a avó preta da minha avó. (para a avó) Quem é? (aguarda a resposta. Olha para A QUE ANTECEDEU. Olha para o embondeiro) A senhora tem foto de outras histórias? (para si) Talvez já seja raro demais ter essa daqui...

Se levanta de um salto. Fala enquanto dá 3 voltas no embondeiro. Fala para si.

A QUE VIRÁ: Eu havia começado a me perguntar sobre as histórias que não sabia. Eu sentia que precisava conhecer a senhora da foto, essa avó preta da minha avó. Mas eu tinha a sensação de que eu já tinha pistas vividas de quem era ela, porque, de histórias contadas, eu só sabia que ela era filha livre de escravizados e que tinha vivido na senzala até crescer e sair. (pausa) E, quando saiu, se casou com um homem branco.

Para. Levemente constrangida, volta-se para trançar o cabelo d'A QUE ANTECEDEU.

A QUE VIRÁ: Ao menos a gente acha que se casou, né? Ele era um homem branco que veio de viagem e logo a pegou. Mas eu sei pouco porque, na lembrança pouca da minha vó, sua

avó não falava, não contava, não cantava. Ela só trabalhava, era mulher da casa, cuidava dos filhos. Mas, do vô branco da minha vó, nós sabemos histórias. Da vó preta da minha vó, era só isso mesmo. (fala para A QUE ANTECEDEU) Da senhora eu não sei nada.

Soltando as tranças. Voltando para o embondeiro aos poucos.

A QUE VIRÁ: Mas aquela foto... aquela foto me trouxe uma coisa assim... uma vontade de saber das coisas, mas era quase como se eu já soubesse. Olhando pra foto, acabei tomando o rumo das lembranças de uma viagem à Região dos Inconfidentes...

CENA 3: DA CASA

Pega um saquinho de búzios que está embaixo do embondeiro. Caminha jogando os búzios pelo chão, formando um círculo em volta dos bancos do centro da cena. Berimbau começa a tocar novamente:

A QUE VIRÁ: (para A QUE ANTECEDEU) Eu andei pelos caminhos dessa tal região... Nesse dia, eu tinha um incômodo assim (*como a prisão de garganta*), um sentimento que não sabia nomear, uma sensação que sei lá do que era, mas era como se eu soubesse o que eu tinha que fazer: viajar pela Região dos Inconfidentes afora em busca de não sei o quê. Eu precisava conhecer o mundo, a vista, as pessoas. (*corre por dentro do círculo feito e para no meio do círculo*)

O canto começa a ser ouvido de forma mais nítida que da primeira vez. A QUE VIRÁ olha para o chão onde está, balbucia o canto junto, olha para os lados.

A QUE VIRÁ: (para A QUE ANTECEDEU) Lá na vila, para onde a passagem comprada me levou, eu andava observando bem as paredes, mas principalmente as janelinhas. (*sai cuidadosamente de dentro do círculo. Pega um búzio no chão, o encara*) Como alguém poderia viver ali? Só ali, naquelas janelinhas, janelíssimas? Quando não estavam vivendo ali, os moradores daquelas janelíssimas estavam construindo outras casas, com outras minijanelinhas, para outros iguais morarem. (para o público) Você sabe por que a Região dos Inconfidentes se chama assim? (ri. Para A QUE ANTECEDEU) Daí, enquanto eu andava distraída com a possibilidade de existência de vida por trás daquelas janelas, uma moça me parou.

A atriz se torna a DA CASA, suas mãos são soltas, como quem não sabe o que fazer com elas.

DA CASA: (para A QUE VIRÁ) Ei! Aí num é lugar de vadiá, não! Vai caçá muamba lá na parte turística da cidade! E não adianta ficá de calundu pra cima de mim, não. Aí é a porta da minha casa!

Voltando-se para A QUE VIRÁ.

A QUE VIRÁ: (para si) Ali era lugar de morador e não lugar pra turista. (para a DA CASA) Mas seu corpo era tão desperten-

cente pertencendo quanto o meu. Mesmo morando ali na vila, ela era turista. E, mesmo turista, ela era moradora. Assim como eu. (*para o público*) A história que eu parecia procurar não estaria no circuito turístico da Região, a não ser pela repetição das mesmas janelinhas... (*aponta um búzio na direção de algumas pessoas negras no público*) Existia uma sensação assim, uma coisa estranha que eu sentia e que era familiar ao ouvir as palavras dela... E essa não era a primeira vez em que eu havia sido impedida de encontrar algumas histórias.

Pega meia cabaça, que está nas raízes do embondeiro, e se lança no chão, à direita. Brinca com ela como se fosse um carrinho.

A QUE VIRÁ: (*para a MÃE*) Mãe! Sonhei que éramos ouro. (*ouve a resposta, que é o som do berimbau*) Então eu não sonhei, eu vi o mundo enquanto dormia. É! Éramos ouro e tudo o que fazíamos também era ouro. Era tudo ouro, mãe. (*ouve a resposta, que é o som do berimbau. Olha para a mãe*) Pois então estamos ricas, mãe. Estamos ricas, olha (*tenta apanhar os búzios do chão em sua camisa*), é muita coisa que temos aqui, essas estradas todas, casas todas, o que sabemos e o que não sabemos, as plantas da vó, tudo é ouro, mãe. Isso aqui é Ouro, Mãe!

Como quem ouve um não pelo silêncio, A QUE VIRÁ murcha. Pega as cabaças e as leva juntamente com os búzios até o pé do embondeiro. Se senta embaixo do pé e se “banha” dos búzios, utilizando a cabaça.

O banho é frio.

A QUE VIRÁ: (*para si*) O que eu tinha lembrado, olhando pra foto da vó preta da minha vó, foi que, enquanto eu andava pelas ruas da Região dos Inconfidentes, as histórias que eu não sabia passavam pelo meu corpo, como se eu me tornasse uma confidente íntima das histórias pretas não contadas da região. Eu estava me aproximando de encontrar a maior fonte de riqueza, eu estava perto de encontrar histórias. Toda a vida escondida naquela região era ouro. E isso eu já sabia há muito tempo, mesmo sem saber. (*para o público*) Cada uma das vidas que construíram e existiram nas janelíssimas daquela vila era ouro. E, como todo ouro vem com sua fome, as histórias foram engolidas. (*para A QUE ANTECEDEU*) Ali, olhando para as pequenas janelas, janelinhas, janelíssimas daquela região, era a prisão de garganta que eu sentia.

Pega 3 búzios no embondeiro, fecha a mão, a põe na boca e os “regurgita”. Se volta para trançar o cabelo dA QUE ANTECEDEU.

A QUE VIRÁ: Isso desmente o que eu disse no início. Eu já senti, sim, essa prisão de garganta, tanto criança, sonhando com o mundo que era ouro e descobrindo que esse ouro não podia ser dito assim, quanto mais velha, viajando por ele, pela região das pedras preciosas... Talvez eu já tenha nascido com essa prisão de garganta. Depois do que a senhora falou, acho que ela nem é só minha. A lembrança é quase uma brincadeira... (*ri*) A senhora sabe por que a Região dos Inconfidentes tem esse nome? Inconfidentes, pra mim, depois do dia da viagem e depois de olhar a foto da avó da minha avó, é porque não há confidencialidade na história preta vencedora inscrita nas pare-

des, nas janelíssimas e nas caras turistas-moradoras da região. Mas isso é só pra quem não tem venda nos olhos. (*solta os fios da coroa*) “Região das histórias explícitas!” (*volta a trançar*) Mas isso sou eu hoje, falando agora o que eu nem sabia que eu sabia quando passei por lá.

A atriz vai para trás da coroa da QUE ANTECEDEU e responde:

A QUE ANTECEDEU: A lembrança é quase uma brincadeira.
(ri) Mas e que mais, fia?

CENA 4: SENHORA

A atriz sai de trás da coroa como A QUE VIRÁ e lembra do que estava dizendo. Retorna para a posição de onde conversava com sua AVÓ sobre a foto.

A QUE VIRÁ: Pois eu continuei brincando. Enquanto eu estava ali, olhando a foto da avó da minha avó, me veio uma outra coisa na cabeça. Desses que a gente não sabe se aconteceu de verdade ou se foi sonho. Eu andava na rua com uma roupa desconfortável e uma senhora preta, que eu nunca tinha visto e que também nunca mais vi, me chamou:

A atriz se senta no banco do meio, virada para o público. Com as mãos no colo, se torna a SENHORA.

SENHORA: Menina! Ô, menina! Cê tá com pressa? Eu preciso de

uma ajuda aqui. Esqueci meus óculos. Você espera três minutinhos aqui comigo pra dar sinal pro ônibus? O meu é o Pedrinhas.

Se levanta, se voltando à A QUE VIRÁ:

A QUE VIRÁ: *(para o público)* Eu não queria. Devia estar atrasada pra algum compromisso que eu também não queria muito ir. *(para SENHORA)* Tudo bem. *(Se senta virada para o embondeiro. Para A QUE ANTECEDEU)* Existia quase um ímã naquela senhora... eu não sei bem por que aceitei esperar com ela, até que ela me vira e diz:

Se vira para a frente, se tornando A SENHORA:

SENHORA: O tempo tá bom hoje, num tá? Vim cá na rua pagar umas conta. Queria ver a rua. *(ri e espera.)* Num é todo dia que se vê gente jovem assim querendo ajudar não. Cê por acaso é do povo contadô, ximbica? Tem cara... E, se ainda não começou a fazer o que veio fazer aqui nessa vida, já pode preparar a cacunda, ôcê ainda vai cantar e contar muitas histórias por aí, viu? *(ri)*

Se vira para o lado, se tornando A QUE VIRÁ, mesmo êxtase silencioso de quando viu a foto da avó de sua avó. Vê o ônibus da linha “Pedrinhas” se aproximar.

A QUE VIRÁ: O Pedrinhas!

Se levanta, dá o sinal. Ainda em êxtase. Vai até o banco da direita, se senta.

A QUE VIRÁ: (*para A QUE ANTECEDEU*) O mais engraçado é que, depois que ela foi embora, eu me sentia exatamente como eu me senti olhando pra foto da vó preta da minha vó...

CENA 5: LEMBRANÇA DOZOTRO

Vai se virando de costas no sentido anti-horário. Voz off ou alternância entre interpretar a AVÓ e A QUE ANTECEDEU.

AVÓ: Ispia só o retrato que eu achei, fia! Tava curiando e mexendo nos documento velho... (*repara na A QUE VIRÁ*) É, jabiraca, tá macambúzia por quê?

A QUE VIRÁ: Num sei não, vó. A garganta que tá um pouco ruim.

AVÓ: Hm. Tá, mas olha essa foto que eu achei!

A QUE VIRÁ pega a foto. Repetição da cena 2, de outro ponto de vista.

A QUE VIRÁ: Quem é?

AVÓ: É minha vó... A memória num tá lá das melhores pra lembrar muito dela. A QUE VIRÁ: A senhora tem mais fotos de histórias?

AVÓ: Devo de ter, vou caçar. Mas ó! Ocê deixa de fica xendengue, viu? Vamo curiá mais eu que eu tô com fome. Ocê

num tá não? Passa lá um café pra ver se a gente num recorda algumas histórias.

CENA 6: CHEGUEI AQUI

Ouve-se o toque de berimbau. A mesma música do início começa a ser ouvida, com letra muito mais nítida que as anteriores. A QUE VIRÁ se levanta, como se tivesse uma ideia, organiza suas memórias de ouro junto com o embondeiro. Finaliza uma trança na coroa da QUE ANTECEDEU.

A QUE VIRÁ: Enquanto eu olhava a foto da vó preta da minha vó e me lembrava de tudo isso, as prisões de garganta se desfaziam. E, pensando agora, é como se, naquele momento em que eu olhava para a foto, aquela vó preta da minha vó, que estava ali, fosse cantar e contar muitas histórias comigo: as histórias que um dia aquela senhora preta que eu não conhecia tinha me dito que eu cantaria e contaria; as histórias que aquela dona no meio da rua talvez tivesse medo que eu contasse e cantasse, mas no fundo pudessem servir de alguma coisa; as histórias que eu sonhei que eram ouro quando eu era criança; e as histórias todas verdadeiras e inventadas das janelíssimas da Região dos Inconfidentes... (*para A QUE ANTECEDEU*) Daí, num respiro de coragem, eu catei meus cadernos, minhas canetas coloridas, minhas histórias de criança e de quase adultice... e eu escrevi... E, nessa de querer contar e cantar essas tantas histórias, passei um café e eu vim parar aqui... (*adicionar local em que a dramaturgia é encenada*) Ah! Já ia me es-

quecendo do café (*vai até o banco da esquerda e bebe o café de uma golada só.*) Tá um pouco frio já... (*chamada de berimbau baixinha. Música invade a cena aos poucos, até o final da encenação. A QUE VIRÁ se encaminha até o pé dA QUE ANTECEDEU*) E eu fiquei pensando se a senhora não gostaria de cantar e contar essas histórias comigo.

A QUE ANTECEDEU assente, sua resposta pode ser dada pela iluminação.

CENA 7: UM CAFÉ

Ouvimos agora a música tocada desde o início com o máximo de nitidez. A atriz canta enquanto coloca novamente a coroa dA QUE ANTECEDEU na cabeça.

A QUE ANTECEDEU: Eu num podia contar histórias, mas eu semeei palavras, fia. É que, sem contar, eu contei, as paredes contaram, as janelinhas, as pedrinha... Griô é assim: tá grudado na gente o destino de contar. Que bão que ocê percebeu que tinha coisa solta no ar e presa na garganta e resolveu ir atrás da memória. O passado é mais aqui do que lá.

A QUE ANTECEDEU começa a se encaminhar para o fundo da cena.

A QUE ANTECEDEU: Mas aí, da próxima vez que nós se encontrar, ocê bebe o café um tiquin mais devagar e passa uma garrafa de café inteira pra vê se a gente lembra mais histórias,

viu? As memórias queocê brincou, a gente faz virar ouro de novo. As memórias que a gente num lembrar, a gente inventa. Sem confidênci a.

Some na luz azul e na fumaça.

FIM



RAY ARIANA

Ray Ariana é natural da Região dos Inconfidentes, Itabirito, MG e é artista da cena, cantora popular, poeta e angoleira. É dançarina de formação pelo curso Técnico em Dança do Centro de Formação Artística e Tecnológica (CEFART/FCS). Atualmente é pesquisadora das poéticas negras juntamente com o grupo de pesquisa Ciberterreiro, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também cursa graduação em Teatro. Ainda, é cofundadora do Coletivo de Aquilombamento Artístico Giza Tu, onde atua como produtora cultural. Foi selecionada como cena mais votada pela curadoria no "25º Festival de Cenas Curtas" (2024) do Galpão Cine Horto em Belo Horizonte, Minas Gerais, com a cena curta Íterim, cena que teve sua estreia no "XVI Encuentro Internacional de Teatro de Achupallas: Cerros de Cultura" (2023), em Viña del Mar, Chile.





ILUSTRAÇÃO DA CAPA

CRIS OLIVEIRA é artista visual, criando tanto em telas com tinta acrílica quanto em arte digital. Sua obra é marcada pela presença de mulheres negras, celebrando representatividade, poder e elegância. Já participou de feiras voltadas ao público negro e trancistas, levando sua arte a diferentes espaços de expressão cultural. Inspirada pelas cores e texturas da natureza, Cris desenvolve composições que misturam força, delicadeza e profundidade. Sua assinatura autêntica e vibrante faz de cada trabalho um convite ao olhar e à valorização da beleza negra.



Centro de Formação
das Artes do Palco



SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas